

# REVISTA

DO

# MUSEU PAULISTA

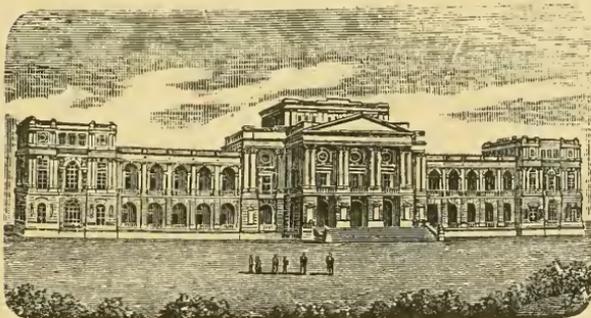
PUBLICADA POR

RODOLPHO von IHERING

Director Interino do Museu Paulista

---

**VOLUME VII**



S. PAULO  
Typ. CARDOZO, FILHO & C.<sup>IA</sup>  
35, RUA DIREITA, 35  
1907

# A ANTHROPOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO (\*)

— PELO —

Prof. Dr. HERMANN von IHERING

## CAPITULOS:

- 1) Os indios actuaes;
- 2) Tradições historicas;
- 3) As linguas;
- 4) Investigações archeologicas;
- 5) Conclusões.

Explicação dos Mappas XI-XII e Literatura

### 1) Os indios actuaes

O litoral do Brazil, na época da descoberta, estava habitado por indigenas pertencentes ás duas nações: Tupi e Tapuya. Estes ultimos, os antigos donos desta região, tinham sido rechassados da costa á Serra do Mar e para o interior do paiz, pelos povos tupis, que occupavam a costa, desde a fóz do Amazonas até a do Rio da Prata. A differença linguistica entre os Tupis e Tupinambás do Rio de Janeiro e do Norte do Brazil e os Guaranis do Brazil meridional era tão pequena, que se tornou facil aos portuguezes entenderem-se por meio de uma só lingua por toda parte com todos estes indigenas, tendo sido por este motivo adoptada a denominação de «*lingua geral*» para o conjuncto destes diversos dialectos tupis. Da mesma lingua geral serviam-se os padres para a cathechese dos indios e della provem tambem a maior parte das denominações de localidades, bem como os nomes de

(\*) Traduzido da 2.<sup>a</sup> edição ingleza deste estudo, que fôra elaborado para ser distribuido, a pedido da commissão respectiva, na Exposição Universal de São Luiz, U. S. A., 1904.

animaes e de plantas indigenas, que enriqueceram o nosso idioma europeu.

A denominação de «Tapuyas» para os povos que não eram tupis, aparentemente de um valor pratico apenas, foi reconhecida como sendo bem fundada, pelas investigações modernas, que nos demonstraram serem estas numerosas tribus aparentadas entre si, não só sob ponto de vista ethnographico, mas tambem com relação aos seus caracteres physicos. O craneo dos Tapuyas é dolichocephalo, o dos Tupis brachycephalo. Tribus das familias Carib e Aruac, bem representadas nas regiões centraes e occidentaes do Brazil, nunca existiram no Brazil oriental e meridional. Está de accordo com este resumo historico o facto de pertencerem os indigenas, que actualmente se encontram nos quatro Estados meridionaes do Brazil, a dous grupos: aos Guaranis e aos Gês, que são o elemento predominante entre os Tapuyas.

O numero dos indigenas ainda domiciliados no Estado de São Paulo é presentemente muito reduzido, não excedendo provavelmente a dez mil individuos.

A distribuição dos mesmos no Estado de São Paulo é tal que no valle do Rio Paranapanema e na grande região de mattas percorrida por seus affluentes, vivem os indios independentes e pagãos, ao passo que os indigenas aldeiaados e catechisados são encontrados no litoral e na parte meridional do Estado. Examinaremos em seguida separadamente estes diversos elementos.

*Os Guaranis ou Tupis meridionaes* são todos christãos e usam em geral os utensilios e vestidos, bem como muitos costumes dos brazileiros, cujos nomes de familia adoptaram e cuja lingua entendem mais ou menos.

Os Guaranis do Rio Verde, que quasi annualmente visitam a capital do Estado, para reclamar contra a usurpação de parte de seus terrenos pelos fazendeiros vizinhos, conservaram pouco de seus antigos costumes. Outros grupos de Guaranis vivem no litoral entre Santos e

Iguape e estes ainda sabem executar bonitos trabalhos em pennas de côres. Em parte já são cruzados com elementos da população luzo-brazileira.

Os *Cayuás* do valle do rio Paranapanema representam os Guaranis independentes, mas sabemos que só nos annos de 1830-1852 immigraram do Paraguay e do Matto Grosso meridional para o seu domicilio actual nos Estados de S. Paulo e Paraná.

Sua côr é a de cobre amarellado, a estatura é mediana. Os homens andam nús, ou com um cinto; as mulheres usam, ao redor da cintura, uma estreita fita de *embira* ou um tecido, denominado *cheripá*. Os homens cortam os cabellos e perfuram o labio inferior, mettendo na abertura um tembetá de resina de jatahy, um cylindro transparente de 20 cm. de comprimento, mais ou menos; as mulheres costumam pintar o rosto com traços lineares. Fabricam louças de barro em que cósinham e em que guardam seus alimentos. Suas armas são o arco, a flecha, a lança e o cacete. As flechas são munidas de compridas pontas de madeira, simples ou farpadas de um ou dos dous lados.

Informações mais minuciosas do que sobre os *Cayuás* do valle do Paranapanema, as quaes devemos principalmente ao Dr. Theodoro Sampaio, temos com relação aos indios de igual nação do Alto Paraná, contidas numa valiosa monographia de Ambrosetti. Verifica-se por ella que estes indios já deixaram varios de seus antigos costumes caracteristicos, como o de dormirem em rêdes e o da «*couvade*», isto é, do uso de o pai guardar o leito em vez da mãe, por occasião do nascimento de uma creança. Como um resto deste costume pôde-se considerar a dieta rigorosa a que se sujeitam ambos os conjuges antes do parto. Essas modificações secundarias dos costumes caracteristicos difficultam o estudo ethnologico, de modo que um quadro completo só pôde ser traçado pela comparação das condições actuaes com as que

constam dos relatorios dos antigos escriptores. Assim a anthropophagia pertence já aos costumes abandonados pelos Cayuás, enquanto que conservam ainda a polygamia. Sepultam o defunto em posição acocorada em sua cabana, a qual queimam depois do enterro, para o qual usavam antigamente de grandes urnas funerarias. Tambem o antigo costume de dormir em rêdes já está quasi abandonado, servindo as pequenas rêdes em suas casas mais como assento e para as creanças do que para cama dos adultos, os quaes dormem no chão.

Os actuaes Cayuás distinguem-se vantajosamente por sua sobriedade, não preparando elles bebidas alcoolicas. São bastante timidos e usam geralmente de amuletos para a caça e o amor, os quaes denominam «*payé*». As suas cabanas, denominadas «*tapui*», são espaçosas, construidas de madeira e cobertas de folhas de palmeira. Estas cabanas são construidas no matto, onde preparam tambem as roças destinadas ás suas plantações. Como alimento em primeiro lugar lhes serve o milho; plantam tambem mandioca, batatas e algodão, e deste sabem confeccionar tecidos, elegantes gorros, etc. Os homens são bons caçadores e pescadores e sabem pegar muitos animaes em mundéos e urupucas.

Informa-nos o Dr. Theodoro Sampaio (N.º 43) que no valle do rio Paranapanema encontrou Guaranis e Cayuás. E' necessario notar, entretanto, que a differença entre ámbos é insignificante, sendo em geral os Guaranis de tez um pouco mais clara e distinguindo-se elles entre si. Talvez sejam os Guaranis o elemento mais antigo, sendo os Cayuás recém-immigrados.

O nome destes indios, escreve-se Cayuá ou Cainguá e não deve ser confundido com o dos Cayowas do Alto Tapajóz. O nome dos Cayuás as vezes é escripto «*Caingue*», o que explica a possibilidade de esta tribu ser confundida com a dos Caingangue.

Siemiradzki (N.º 49) distingue Cainguás e Caingues entre os indigenas do Paraguay e Ehrenreich menciona (N.º 10) Kainguá e Kaiowa, mencionando ainda no mappa Caioa e Canguá. Estes auctores não deixam, duvida sobre que as referidas tribus pertençam á familia guarani e o mesmo diz Castelnau de seus Cayowas do Paraguay, que, como já disse, não devem ser confundidos com os Cayowas do Alto Tocantins.

Para evitar pelo futuro equívocos com relação aos Cayuás do Brazil meridional e Paraguay e aos do rio Tocantins, será conveniente designar os Cayuás do Brazil meridional com o nome de Notocayuás.

Julgo conveniente dar publicidade aqui a duas tabellas craneometricas referentes aos indios deste grupo.

**Tabella de medidas dos Indios guaranis do Rio Verde  
examinados por H. von Ihering (1897)**

NOMES	Annos approxim.	Altura	Comprim.	Comprim.	Comprim.	Largura	Índice cephalico
			do rosto	do nariz	da cabeça	da cabeça	
			mm.	mm.	mm.	mm.	
1) Capitão Antonio Jesuino Rodrigues . . . . .	48	1 <sup>m</sup> ,705	253	80	185	155	83, 8
2) Antonio Pedro . . . . .	55	1,630	257	87	186	146	78, 5
3) Joaquim Leme . . . . .	46	1,625	248	84	181	150	82, 9
4) Joaquim Fortunato de Souza	30	1,695	248	79	189	152	80, 4
5) José Pedro . . . . .	15	1,420	230	66	179	150	83, 8
6) José Baptista . . . . .	18	1,630	255	90	194	151	77, 8

No anno passado o Snr. Ricardo Krone procedeu a um exame dos Guaranis do valle do Rio Itariri e de seu affluente, o Rio do Peixe, procedendo segundo instrucções por mim recebidas e por ordem da Commissão Executiva da Exposição de São Luiz. O Snr. Krone

nesta occasião examinou 13 individuos, 8 homens e 5 mulheres.

Um ponto de especial interesse é o facto da pronunciada brachycephalia destes indios que é de 82,4 para a serie total, sendo, segundo as indicações do Snr. Krone, de 81,1 para os homens e de 84,4 para as mulheres. Parece-me entretanto, terem-se dado alguns enganos neste sentido. Assim por exemplo no individuo numero VII (José Joaquim) o comprimento é de 90 mm., a largura de 152 mm., o que corresponde ao indice cephalico de 80 e não de 75,6 como indica a tabella do Snr. Krone.

Acontecendo que no calculo dos indices da tabella do Snr. Krone, referente a estes Guaranis dos rios Itariri e do Peixe, se deram varios enganos, dou aqui a tabella exacta dos indices cephalico:

Homens	Compr.	Largura	Indice	Mulheres	Compr.	Largura	Indice
I	18,2	14,7	80	VIII	18	15	83
II	18,6	15	81	IX	17,8	14,8	83
III	18,4	15	81	X	17	15,3	90
IV	19	15,8	83	XI	18	14,8	82
V	19	15,5	81	XII	17	14,5	85
VI	18,5	15,5	83				
VII	19	15,2	80				
XIII	19	15,4	81				

Média do indice cephalico para 8 homens: 81.

Média de indice cephalico para 5 mulheres: 85.

Média geral do indice cephalico: 82,46.

Um ponto, em que não estou de accordo com o Snr. Krone, é a pureza do sangue dos individuos examinados.

O Snr. Krone exclúe dos indios puros os sob numeros 5, 6, 8 e 10, considerando os demais como Gua-

ranís legitimos. Noto, entretanto, que entre os suppostos typos legitimos ha varios de cabellos crespos e outros que tem o cabello grisalho, embora contem apenas 40 ou 45 annos de idade.

E' pois de suppor que tambem os individuos presumidos legitimos em parte já sejam mestiços.

Com esta conclusão se acha de conformidade a desigualdade das physionomias, de entre as quaes é impossivel reconhecer um typo commum ou uniforme; de outro lado, porém, a configuração do craneo é bastante uniforme, o que evidentemente é devido ao facto de terem tido craneo brachycephalo tambem os elementos nacionaes que se mesclaram com estes indios do valle do Rio Ribeira.

Em geral as observações do Snr. Krone se acham de conformidade com as minhas, feitas em indios guaranis do Rio Verde, com a excepção só de serem estes de estatura um pouco mais alta.

Será conveniente lembrar aqui tambem o excellente estudo do Snr. Juan Ambrosetti sobre os Cayuás, o qual contem dados anthropologicos que estão de pleno accordo com as minhas observações e as do Snr. Krone.

Podemos dizer neste sentido que o grupo guarani nos é bem conhecido em relação a sua anthropologia, ethnologia, linguistica, historia e archeologia. São infelizmente ainda poucas as tribus brazileiras de que se tem um conhecimento tão completo.

*Os Caingangos.* A este grupo de indios pertencem unicamente os temidos «Bugres» do Brazil meridional, que tantos embarços tem opposto á população do interior ou sertão do nosso paiz.

O antigo nome deste grupo era o de Guayanãs, mas esta denominação perdeu-se successivamente, tendo sido conservada apenas no oeste do Estado de S. Paulo, nos municipios de Itapéva e Faxina. Em geral são actualmente conhecidos sob os nomes de «Bugres» e de

«Coroados», referindo-se esta ultima denominação ao costume que tem, de cortar o cabello do vertice em forma de coroa, uso que entretanto já foi abandonado por algumas tribus. Esta denominação de Coroados porém é summamente impropria, porque induz a confundil-os com os verdadeiros Coroados do Estado de Minas e Matto Grosso. Embora desde muito seja sabido que entre os indigenas designados com este nome no Brazil meridional e no Matto Grosso, não existem relações de verdadeiro parentesco, sempre de novo originaram-se deste modo equivocos; como ainda aconteceu, ha pouco, ao eminente linguista Brinton (N.º 8), pois que reuniu os Caingangs, sob o nome de Coroados, e os Camés com os Coroados e Carajás (*American Race*, p. 260), separando-os dos Tapuias, ao passo que os Guayanãs são erroneamente considerados como pertencentes á familia Tupi. Por este motivo acostumamo-nos no Brazil a chamar de «Caingangs» a estes Pseudo-Coroados do Brazil meridional. E' assim que elles mesmos se denominam, significando esta palavra «gente do matto», e é notavel a coincidencia da palavra «cá»—matto, com a mesma denominação na lingua tupi.

Foi Telemaco Borba (N.º 7) o primeiro que em 1882, introduziu na literatura scientifica esta denominação, seguindo-lhe pouco depois neste exemplo o Visconde E. de Taunay.

E' preciso, entretanto, notar que, em vez da denominação geral do grupo, as vezes são usadas as denominações locais de diversas tribus componentes do grupo. Assim é usada em Santa Catharina a denominação Socré, evidentemente identica com a de Xocren, usada no Estado de Paraná, e no mesmo Estado, como no de S. Paulo, conservou-se tambem a denominação de Camés para uma tribu moradora dos campos.

As diversas tribus, de que se compõe a nação dos Caingangs no Estado de Paraná, são, segundo a memoria

do Visc. de Taunay: Camés, Votorões, Dorins, Xocrens e Tavens.

No Estado de S. Paulo temos de mencionar os Camés, aldeados no litoral entre Santos e Iguape, os Guayanãs de Itapéva e Faxina e os Caingangs do valle do Paranapanema e de seus afluentes, que, como já dissemos, geralmente são denominados Coroados. Eram estes indios que nos annos de 1880-1886 commettiam innumeros e barbaros assaltos e assassinatos, difficultando summamente o povoamento da zona. Sobre este assumpto acham-se collidos os respectivos dados na memoria do Dr. Theodoro Sampaio (N.º 43). Os mesmos Caingangs assaltaram e exterminaram a expedição de Monsenhor Claro Monteiro, destinada á exploração do rio Feio e catechese dos indios do Baurú, sendo o mesmo sacerdote morio por esta occasião, a 22 de maio de 1901.

Os Caingangs vivem em pequenas aldeias, compostas de simples choupanas, cobertas com folhas de palmeira, destinadas ás differentes familias. De dia e de noite fica acceso no meio da cabana um fogo, deitando-se os moradores sobre pedaços de casca de arvore, com os pés virados contra o fogo. Os homens andam nús, usando porém na estação fria de pannos grossos, feitos das fibras da ortiga brava. Estes pannos, Curús, ornamentados com desenhos lineares, representam uma particularidade industrial dos Caingangs. O seu alimento é constituido particularmente pela caça e fructos do matto; plantam tambem milho e fazem grande colheita de pinhões. Os pinheiros desempenham papel importante na vida dos Caingangs e parece-me que a antiga ditribuição destes deve ter sido mais ou menos identica com a da *Araucaria brasiliensis*. As armas são arcos e flechas, cujas pontas são feitas de pedra, ossos de macacos ou de ferro europeu. Não usam pontas de flechas feitas de bambú e, como parece, tão pouco as de medeira, embora

provavelmente algumas tribus adoptassem esta qualidade de flecha de seus visinhos.

Existe o costume da polygamia, mas o numero de mulheres em geral não excede a duas ou tres. Para suas festas preparam uma bebida alcoolica de pinhões e milho. Os enterros se fazem no chão, elevando-se em cima do cadaver um tumulo de ca. de 2 m. de altura, em forma conica. Em geral não são canoeiros, estando pouco acostumados á vida nos grandes rios. Parece que neste sentido e no da pescaria aprenderam com os seus visinhos Guaranis, pois que, em caso contrario, seria extranhavel que as palavras para peixe (pirá) e cerco de peixe (parí) lhes tenham provindo da lingua tupi. Assam a carne, a qual não comem crua, nem são anthropophagos; não conhecem o uso do sal. Fazem uma qualidade de pão de milho apodrecido.

Quasi tudo que sabemos da vida dos Caingangs refere-se a observações feitas nos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, com relação a indios aldeados. A cultura dos Caingangs ou « Corôados » de S. Paulo é-nos quasi inteiramente desconhecida, mesmo por serem elles absolutamente refractarios a qualquer relação amistosa com a população brasileira, ainda quando estes estejam em companhia de indigenas que falem a sua lingua. No correr dos ultimos annos tivemos a lamentar no Estado de São Paulo o assassinato do Monsenhor Claro Monteiro, facto ao qual já acima nos referimos, bem como dous assaltos practicados contra expedições da Commissão Geographica e Geologica deste Estado. O primeiro destes assaltos deu-se á margem do Rio Feio, tendo sido neste occasião feridos por flechadas o chefe da turma exploradora, Dr. Olavo Hummel e diversos camaradas. O segundo encontro deu-se no Rio do Peixe por occasião da descida das canoas da turma chefiada pelo Dr. Gentil Moura que explorava o curso do Rio do Peixe.

Sobre esta exploração, que constatou que o Rio do Peixe é o mesmo rio que no curso inferior tem o nome de Aguapehy, publicou o chefe da Commissão Geographica, Dr. João Pedro Cardozo (N.º 9), um relatório minucioso e ricamente illustrado.

Por ocasião do segundo assalto mencionado, de 24 de Setembro de 1906, o pessoal da expedição lançou-se immediatamente á perseguição dos selvagens, batendo as mattas e descobriu-se por esta ocasião a malóca dos mesmos Caingangs. As informações que sobre esta exploração contem o referido relatório, juntamente com os interessantes objectos ethnographicos guardados na Commissão Geographica de São Paulo, e em parte offerecidos ao Museu Paulista, modificaram a situação precaria quanto ao conhecimento dos Caingangs de São Paulo, de modo que em seguida podemos dar algumas informações exactas.

As miseras choupanas dos Caingangs consistem apenas em algumas varas enfiçadas no chão, no interior da matta; formam uma especie de toldo de barraca, aberto nos dous lados, com cumieira no meio e coberto com folhas de palmeiras. São pequenas e evidentemente destinadas cada uma a um só casal. Os indios dormem no chão, sobre uma cama de folhas seccas. Não tem plantações, nutrindo-se de caça, peixes, fructas selvagens, mel de páo, etc. A carne é assada em uma cóva aberta ao lado da choupana, entre pedras aquecidas. Afim de melhor poder lidar entre estas pedras quentes e com as brazas, usam de pinças de madeira, que são cuidadosamente trabalhadas na parte superior, intermedia entre os dous braços. Estes selvicolas não tem vestimentas, mas segundo informações que obtive, usam as vezes uma cinta estreita, de tecido. Na época do frio cobrem-se com pannos grossos, feitos das fibras da ortiga brava e denominados na lingua delles *Curú*. Os exemplares de nossa collecção tem  $164 \times 130$  cent. de dimensão e uma grossura de 3 mm. Quasi sempre notam-se nesses pan-

nos desenhos lineares em zig-zag, produzidos por fios tingidos de côr pardo-escuro.

As armas consistem em tacapes, que são apenas compridas varas descascadas, bem como arcos e flechas.

Estas ultimas são feitas da canna do Taquary, munidas na extremidade posterior de pennas de Mcauco, Gavião ou outras aves e tendo na outra extremidade uma ponta de osso ou de ferro. Evidentemente gostam muito para tal fim de instrumentos de metal, que obtêm pelos seus assaltos ás moradias dos sertanejos. As pontas de osso consistem em pedaços de ossos de extremidades de mammiferos, em geral pequenos e aguçados; raramente cortam lascas mais largas de ossos de mammiferos maiores. A ponta é adaptada, em posição obliqua, á extremidade da canna, á qual é firmemente ligada por tiras de imbé. Vi tambem na Comissão Geographica um virote de ponta grossa, de madeira, cuja parte axial se prolongava para diante em uma ponta fina, de alguns centimetros de comprimento. Os arcos, feitos em geral de madeira de Pao de arco, são fortes, de secção circular, tendo os de caça um comprimento de 2 metros e os de guerra quasi 3 metros.

Entre os utensilios domesticos notamos ainda vasos de barro cozido, de fórma alongada, alta, conicos em baixo e munidos logo abaixo da orla de um largo sulco. Um destes pótes foi encontrado ainda cheio pela metade com mel. Foram encontrados nas cabanas do Rio do Peixe cestos bem trabalhados de taquára, um porongo revestido de um tecido ralo de alguns poucos fios grossos e cheio de folhas de herva-matte, seccas e soccadas.

Os unicos objectos de enfeite que lhes conhecemos são collares com dentes incisivos de macacos. Não estou bem informado quanto a seus instrumentos de musica, mas sabemos que das bracteas de coqueiros preparam buzinas, cujo som se ouve a grande distancia. E' particularmente em suas expedições guerreiras que elles se

servem destas buzinas e o seu grito alarmante muitas vezes tem assustado os colonos domiciliados em terras proximas dos territorios dos indios. Retirando-se elles depois de seus assaltos para os esconderijos, os Caingangs procuram reter os perseguidores, deitando, escondido em meio das suas picadas, os estrepes, feitos de pontas de osso, reunidos em maço por cera e fios, que devem ferir horriavelmente o pé da victima que sobre elles pisar descalço.

Os *Chavantes* do valle do Rio Paranapanema não são, como Ehrenreich o pensou, uma tribu dos Caingangs, mas um grupo independente da familia Gês.

Existem dous vocabularios de sua lingua, publicados por Ewerton Quadros (N.º 12) e Telemaco Borba (N.º 7). E' evidente pelos mesmos que o seu idioma é differente do dos Chavantes de Goyaz e Matto Grosso, motivo por que receberam o nome de Eeochavantes (N.º 19). As melhores informações sobre estes «Chavantes» do Estado de S. Paulo, que vivem nos campos entre os cursos inferiores dos rios Paranapanema e Tieté, devemos ao general Ewerton Quadros, e em seguida as reproduzimos.

Os Chavantes são os mais escuros e mais atrasados de entre todos os indios de S. Paulo; alimentam-se de caça, insectos e larvas, e, impellidos pela fome, chegam-se tambem ás habitações dos sertanejos, para roubar nas roças e matar os animaes domesticos; comtudo não se tornam perigosos, pois não aggridem ninguem e são antes timidos, e, pelo contacto mais frequente, tornam-se doces e fieis. Têm os pés pequenos, as pernas finas, o ventre crescendo; mandibulas salientes, olhos pequenos e horizontaes.

Seus arcos são feitos do cerne da palmeira e as pontas de suas flechas do cerne do alecrim, tendo muitas farpas de um só dos lados; suas lanças, do cerne da aroeira, medem 2,<sup>m</sup> 50 de comprimento quando destinados a homens e 1,<sup>m</sup> 50 os das mulheres.

Todos elles, homens, mulheres e crianças, uzam de um cordão de embira ao redor da cintura, tendo o das mulheres um appendice, que passa por entre as pernas. Todos elles cortam os cabellos ao redor da cabeça, e fazem córtes longitudinaes no pavilhão das orelhas. Uzam collares de dentes de animaes, e não fabricam e nem se servem de louça. Suas choupanas, feitas de folhas de palmeira, são muito baixas e acanhadas, não se podendo alojar nellas mais de um casal em cada uma.

Os Chavantes repellem a polygamia, e não empregam suas armas contra o homem.

Emquanto que quasi todas as palavras do vocabulario dos Cayuás e dos Coroados são agudas, as dos Chavantes tem quasi todas o accento agudo na penultima syllaba.

\*  
\* \*

Os actuaes indios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como tambem nos outros Estados do Brazil, não se pôde esperar trabalho sério e continuado dos indios civilizados e como os Caingangs selvagens são um impecilio para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não ha outro meio, de que se possa lançar mão, senão o seu exterminio.

A conversão dos indios não tem dado resultado satisfactorio; aquelles indios que se uniram aos portuguezes immigrados, só deixaram uma influencia malefica nos habitos da população rural. E' minha convicção de que é devido essencialmente a essas circumstancias, que o Estado de S. Paulo é obrigado a introduzir milhares de immigrantes, pois que não se pôde contar, de modo efficaz e seguro, com os serviços dessa população indigena, para os trabalhos que a lavoura exige.

## 2) Tradições historicas

Por esta minha descripção dos indios, que actualmente vivem no Estado de S. Paulo, torna-se evidente que elles perderam a maior parte de seus antigos usos caracteristicos. Em geral os indios cathechisados, que estão domiciliados nas aldeias deste Estado, não offerecem nenhum interesse ethnographico e aquelles, que a este respeito são dignos de attenção, levam uma vida retirada e são inacessiveis, tornando-se perigosos á escassa população civilizada do sertão. Exemplo disto foram os excessos de 1901 no municipio de Baurú, aos quaes já pouco acima nos referimos. Nestas circumstancias os nossos conhecimentos destes aborigenes teriam sido muito incompletos sem as valiosas informações que se acham na literatura do seculo XVI. Neste sentido o «Roteiro de Gabriel Soares de Souza» (N.º 53) é de summa importancia. Não obstante o auctor desse Roteiro não ter vivido em S. Paulo, elle manifesta conhecimentos profundos das tribus que então habitavam o territorio do Estado de S. Paulo. Os principaes entre estes, segundo sua narração, eram os seguintes: os Tubinambás, os Carijós, e os Guayanãs. Estes ultimos, como nol-o diz o auctor; dormem sobre o chão e sua lingua distingue-se da dos Tupis. Por isso é evidente que os Guayanãs eram os antecessores dos Caingangs, que, em certos districtos do Oeste do Estado, conservaram ainda no correr do seculo passado o nome de Guayanãs. No tempo do descobrimento do Brazil os Guayanãs habitavam a Serra do Mar e as planicies onde agora está situada a capital de S. Paulo. Os Carijós viviam entre Cananéa e Santa Catharina, emquanto que os Tubinambás occupavam a região entre Santos e Angra dos Reis, perto do Rio de Janeiro.

Hans Staden (N.º 50), que nos annos de 1549-1554 viveu como prisioneiro entre os Tupinambás ao

Norte de Santos, publicou um livro interessante sobre sua captividade entre os selvagens. O estudo critico deste livro mostrou que elle merece toda fé, particularmente com relação a tudo quanto elle mesmo pôde observar. Mas as informações que obteve indirectamente, como por exemplo a anthropophagia dos Guayanãs, não devem merecer o mesmo credito. A anthropophagia, usual entre os Guayanãs e Tupis, não era practicada pelos povos da familia dos Gês. Assim ainda Ewerton Quadros affirma que os Cayuás devoravam seus prisioneiros, em quanto que sabemos que os Guayanãs e Caingangs não comiam carne humana.

Os Tupis, como Hans Staden os descreve, eram um povo energico e bellicoso, canoeiros intrepidos, que, em suas frageis embarcações, emprehendiam expedições bellicosas, que os levavam a grandes distancias. Suas amplas cabanas, destinadas para um grande numero de familias, estavam reunidas em aldeias; estas eram fortificadas por meio de pallisadas, nas pontas das quaes costumavam pôr as cabeças dos seus inimigos mortos em combate. Dormiam em rêdes e alimentavam-se não só do resultado de sua caça e pescaria, mas tambem dos productos que lhes forneciam suas plantações. O cannibalismo não era usual entre elles.

Os Guayanãs de outro lado, consoante Gabriel Soares, practicavam o cannibalismo e tratavam seus prisioneiros com brandura. Elles não dormiam em rêdes, mas sobre o chão e aquelles que viviam nos campos, escavavam o chão, para assim fazer suas casas; não tinham plantações. Os Guayanãs não eram muito bellicosos e facilmente entravam em boas relações com os portuguezes, os quaes entretanto não podiam esperar bons serviços da parte d'aquelles que aprisionavam para que lhes servissem de escravos. (\*)

---

(\*) No manuscripto de Knivet (N.º 23) de 1591 da bibliotheca do Dr. Eduardo Prado encontra-se, á pagina 125, um capitulo dedicado aos indios;

Na sua cultura os Carijos assemelhavam-se muito aos Tupis, mas o seu caracter era mais brando; elles não eram cannibaes ou então abandonaram muito cedo este costume, pelo menos no Brazil meridional. No Paraguay, entretanto, Ulrich Schmidel ainda encontrou-os entregues ao cannibalismo. Em quanto que os Tupinambás andavam nús, os Carijós usavam capas e as mulhêres vestiam aventaes de algodão. O ornamento caracteristico dos Carijós é o *tembetá*, feito de resina e que collocavam na perfuração do labio inferior. Os Carijós tinham vasta distribuição no Brazil meridional; cada familia occupava a sua cabana propria. Antes do descobrimento da America do Sul parece que tinham o seu domicilio extendido mais para o Sul. O Snr. Lafone Quevedo (N.º 26) indica que a lingua dos Guaranis se fallava no tempo do descobrimento só entre a população das ilhas, situadas na embocadura do Rio da Prata e nas adjacencias da margem septentrional deste rio. E' evidente que os poucos Guaranis representavam o resto d'uma grande massa de população, que foi destruida ou expulsa por outras tribus.

---

delle traduzo o seguinte trecho, referente aos Guayanãs: «Os Wayanasses vivem a 18 legoas ao Sul do Rio de Janeiro num lugar chamado pelos portuguezes «Ilha Grande». Estes anthropophagos são de apparencia toleravelmente boa. Elles talham seu corpo e não se vangloriam tanto de comerem carne humana, como os Tomayes, os Tomymenos e outros cannibaes o fazem. As mulheres são gordas de corpo e muito feias, mas ellas tem muito boas caras. As mulheres desta região pintam seu corpo e suas faces com uma cousa que se chama em sua lingua «Vrucu», que cresce numa vagem como uma fava, e de que se faz uma tinta vermelha como óca; é por causa desta côr que parecem tão feias. Os cabellos, tanto dos homens como das mulheres, crescem muito longos, dos dous lados; porem na corôa elles os cortam como os frades franciscanos. Estes cannibaes deitam-se em rêdes feitas da casca de arvores e tambem quando viajam pelo sertão carregam ás costas, em pequenas rêdes, todas as provisões que têm. Nunca lhes falta o tabaco, que elles o estimam muito mais do que qualquer cousa que têm em seu paiz, e com elle curam tambem as suas chagas quando estão feridos. Quando os portuguezes têm precisão de escravos, elles vem á Ilha Grande e ahí têm certeza de encontrar com alguns dos Wayanasses a pescar. Então elles lhes mostram facas, perolas e vidros e lhes dizem que mercadorias querem; e logo elles irão a um lugar chamado em sua lingua «Iawarapipo», que é sua cidade mais importante e dahi trazem tudo aquillo que julgam poder vender na costa, e tão barato como puderdes, podeis comprar d'elles.

Os diversos auctores não estão de accordo com relação ás diferentes tribus indigenas e Gabriel Soares não dá informações detalhadas quanto aos Tupiniquins. Hans Staden, entretanto, nos informa que os Tupiniquins, que viviam em boas relações com os portuguezes, occupavam o litoral numa extensão de 40 legoas e a cerca de 80 legoas para o interior; em sua carta de 1565 (Rev. Inst. Hist., Tom. III, Rio de Janeiro 1841 (2.º ed. 1860) p. 250) o Padre Joseph de Anchieta menciona tambem os Tupiniquins de S. Vicente.

Algumas tribus do Brazil central, que agora não estão mais representadas no Estado de São Paulo, comtudo outr'ora habitavam este territorio. Von Martius indica (N.º 35) que os Cayapós do Matto Grosso antigamente viviam tambem no Estado de S. Paulo, nas margens inferiores do Rio Tieté e entre este rio e o Rio Parahyba. Dò outro lado do Estado os Puris, domiciliados nos Estados de Minas Geraes e Espirito Santo, viviam então tambem na região septentrional do Estado de S. Paulo, onde em 1800, São João de Queluz (\*) foi estabelecido como aldeamento destes indios. Segundo frei Gaspar da Madre de Deus o domicilio dos Jeronimes e Puris no Estado de S. Paulo ficava entre Guaratingetá e Taubaté.

O leitor comprehenderá mais facilmente a distribuição actual e antiga dos indios do Estado de S. Paulo comparando os dous mappas que indicam a distribuição destes indios, tanto em nossos dias, como no tempo do descobrimento.

Hans Staden enumera como inimigos dos Tupinambás os Goyatacaz ao Norte e os Carajás ao Sul.

---

(\*) Quanto a este assumpto compare-se as informações do Vigario Francisco das Chagas Lima (Rev. Inst. Hist. Tomo V, 3.º ed., Rio de Janeiro 1885, p. 72), como tambem Frei Gaspar da Madre de Deus, loc. cit. Tomo XXIV, Rio de Janeiro, 1861, p. 554. O Visconde de Porto Seguro (N.º 41) affirma igualmente que os Puris viveram tambem em Taubaté.

Parece por conseguinte que os Carajás occupavam antigamente uma parte do Noroeste do Estado de S. Paulo. Os Tamoyos, que viviam entre o Rio de Janeiro e Angra dos Reis, ligavam-se occasionalmente com os Tupinambás e alguns auctores crêm mesmo que estes dous povos fossem identicos.

Por minha parte, distinguindo-os, estou de accordo com Gabriel Soares e Hans Staden; este ultimo auctor diz expressamente que os indios da costa septentrional de S. Paulo, entre os quaes viveu, chamavam-se a si mesmos Tupinambás.

Não posso achar informações exactas quanto aos Tremembés da familia Tapuya; parece que viviam nas partes septentrionaes do Estado, onde ainda diversas localidades têm a mesma denominação.

Uma outra tribu, a respeito da qual só temos informações incompletas, são os Itanhaens, que habitam a costa de São Paulo, ao Sul de S. Vicente em Itanhaen, e aos quaes se refere Machado de Oliveira (N.º 30). Parece que eram da familia Guayanã e são talvez identicos com os Camés da costa meridional de S. Paulo; von Martius os menciona. Ainda não pude verificar se existem restos destes Camés na zona litoral do Sul de S. Paulo, onde o nome dos Camés agora é desconhecido.

Com referencia aos Guanaos já emitti em outro logar minha opinião (N.º 16). Este povó, um membro da familia Guarani, viveu na parte septentrional do Rio Grande do Sul e nas adjacencias de Santa Catharina. Gay nos communica (N.º 14) uma carta do anno de 1683 do padre Garcia, que visitou esta região.

Os Tamoyos eram relacionados com os Tupinambás, como o eram tambem os Temininos, domiciliados na costa, entre Angra dos Reis e o Rio de Janeiro.

E' esta a razão porque por vezes, como já disse acima, encontramos os Tamoyos mencionados na historia de São Paulo, quando esperaríamos encontrar o nome

dos Tupinambás. Pedro Taques de Almeida (N.º 54) diz por exemplo, que os portuguezes, tendo fundado em 1531 a villa de S. Vicente, durante tres annos estavam expostos aos combates com os Carijós, Tamoyos e Guayanãs. Assim, no anno de 1562 a cidade de S. Paulo, fundada em 1560, foi atacada por diversos indios entre os quaes encontramos mencionado o nome dos Tamoyos, em combinação com os Tremembés, que se diz serem Tapuias, e tambem com uma parte dos Guayanãs. A historia deste episodio foi bem descripta por Machado de Oliveira (N.º 30).

Hans Staden emprega só o nome de Tupinambás para estes indios tupis da costa septentrional de São Paulo; indica que os inimigos delles eram os Goyatacazes ao Norte e os Carajás a Oeste. Parece portanto que estes indios, que em nossos dias estão restringidos quasi só ao Goyaz, e que antigamente se estendiam para os dous lados até Minas Geraes e Matto Grosso, outr'ora occupavam o Noroeste do Estado de S. Paulo. Em geral os Tupinambás e as tribus alliadas eram, nos tempos da conquista, os confederados dos francezes e inimigos dos portuguezes, enquanto que os Guayanãs e Tupiniquins eram amigos destes.

Como estas duas nações então viviam em parte conjunctamente em S. Paulo e como a lingua adoptada pelos portuguezes era o tupi, não podemos dauidar de que os Guayanãs devem ter tido algum conhecimento da linguagem tupi e provavelmente tambem seus nomes, adoptados pelos portuguezes, provêm deste idioma. E' por conseguinte difficil de dizer se Tibiriçá e outros *caciques* de Piratininga pertenceram a esta ou aquella nação.

Sabemos, entretanto, que alguns annos depois da cundação de S. Paulo os Guayanãs abandonaram esta fidade e se estabeleceram nas aldeias de S. Miguel e Pinheiros, a pouca distancia. Isso parece indicar que os

Tupiniquins eram o elemento dominante, o que estaria de accordo com a indole pacifica dos Guayanãs de S. Paulo na grande região dos campos abertos. Uma de suas tribus é conhecida pelo nome de Camés, palavra que significa na linguagem dos Caingangs « cobardes ». Que os Tupiniquins eram o elemento predominante em Piratininga (São Paulo) prova-se pelas urnas funerarias encontradas na rua de Piratininga da actual cidade de São Paulo (Braz); estas urnas estão guardadas no Museu Paulista.

Tambem em vista disso não duvido que os chefes acima mencionados destes indios de Piratininga pertenceram á nação dos Tupiniquins, assumpto do qual o Dr. Washington Luis se occupou na sessão de Julho de 1903 do Instituto Historico de São Paulo. Os antigos escriptores não dão informações sobre a nacionalidade destes chefes e a affirmação de Frei Gaspar da Madre de Deus (N.º 32), de que Tibiriçá fôra Guayanã é portanto sem valor.

\* \* \*

Procurei colligir todas as indicações que se referem á distribuição tanto antiga como actual dos indigenas de São Paulo e dos Estados adjacentes. Segundo estas indicações organizei dous mappas, que acompanham o presente estudo. A comparação destes dous mappas leva-nos aos seguintes resultados, assáz interessantes:

- 1) A grande diminuição do elemento indigena, devido em parte ao seu exterminio, em parte á sua fusão com o elemento rural immigrado;
- 2) O desaparecimento completo das tribus tupis;
- 3) A conservação de uma parte dos antigos Guaranis e Carijós no Brazil meridional e no Paraguay, onde agora são denominados Guaranis, Arés e Cayuás;

4) A conservação de uma grande parte dos antigos Guayanãs no Brazil meridional e no Paraguay, principalmente no sertão da bacia do Rio Paraguay.

5) O desaparecimento, do Estado de S. Paulo, de certas tribus do Brazil central, como por exemplo dos Cayapós, Puris e Carajás, os quaes todos antigamente occupavam uma área muito mais extensa.

O que difficulta o estudo comparativo dos indios do Brazil é o estado incompleto de nossos conhecimentos geraes da ethnographia do Brazil. Para alguns dos grupos septentrionaes de indios, como os Caraibes e os Nu-Aruaks, os estudos de Ehrenreich e von den Steinen nos trouxeram a elucidação, mas estes grupos nunca estiveram representados no Brazil meridional.

E' a definição exacta do que sejam os Gês e os Crens de Martius, que agora nos offerece a maior difficultade.

Ehrenreich, entretanto, separa os Puris e tribus alliadas dos Gês, baseado em razões linguisticas, mas eu não posso concordar com esta sua opinião. As differenças linguisticas entre os diversos membros da familia dos Gês são muito grandes, e mesmo entre o grupo meridional dos Gês se encontram differenças muito evidentes, taes como as que ha entre os Caingangs e os Ingains. Devemos relembrar que todas as dissemelhanças indicadas não se baseiam exclusivamente na diversidade dos vocabulos. Minha experiencia quanto aos Caingangs suggeriram-me a opinião de que as differenças grammaticaes entre as linguas dos Tupis e dos Caingangs não são essenciaes. De outro lado Ehrenreich nos communica alguns traços caracteristicos dos Gês, dos quaes, entretanto, só dous são communs ás diversas tribus dos Gês, a saber: a falta de rêdes e o pouco desenvolvimento da navegação.

Ehrenreich menciona como caracteristicos aos Gês os discos de madeira usados como ornamentos nas per-

furações dos beijos e das orelhas; mas os Caingangs e Chavantes não conhecem este uso e o mesmo se dá com relação ás flechas com pontas de taquára. Entre os indios do Brazil meridional não se encontram flechas com pontas de taquára. As flechas dos Chavantes têm pontas farpadas e os Caingangs usam, além destas, de outras com pontas de osso. Um exame minucioso dos caracteres distinctivos não nos dá, portanto, uma base para a divisão dos Tapuyas em Gês e «Não-Gês». Julgo mesmo impossivel, por emquanto, podermos proceder a uma classificação correcta dos indios Tapuyas no Brazil meridional e central. Mas o que já podemos reconhecer, com Martius e Ehrenreich, é que os Carajás representam um grupo independente de indios. Quanto ao Estado de São Paulo esta questão é de pouca importancia, pois que os indios deste Estado pertencem a duas familias: á dos Tupis e dos Tapuyas, como chamaremos os Gês de Ehrenreich; frizamos, comtudo, que estes Gês não são identicos com o grupo de indios assim denominado por Martius.

Os Tapuyas como aqui os comprehendemos, são quasi identicos com os de C. von den Steinen (N.<sup>os</sup> 51 e 52), com a differença que von den Steinen exclue os Puris dos seus Tapuyas.

### 3) As Linguas

O unico idioma indigena bem conhecido no Estado de S. Paulo é o dos Guaranis. Esta lingua «o avanhehen» como a chama Couto de Magalhães em opposição ao «nhehengatú» ou tupi, é o dialecto que se fala no Brazil meridional e no Paraguay, emquanto que o dialecto semelhante do Norte é o tupi. A grande diffusão desta linguagem, desde o Norte até o Sul do Brazil, foi de grande vantagem, tanto para os conquistadores, como para os padres catholicos, que todos uzavam do

conjuncto destes dialectos, a chamada «Lingua Geral». E' consideravel o numero de obras linguisticas, mas são o dictionario da lingua guarany, por Montoya, e o dictionario da lingua tupi, por Baptista Caetano de Almeida Nogueira, que geralmente se applica com maior vantagem.

O conhecimento da lingua «tupi» é necessario e mesmo indispensavel a todos que se dedicam a estudos de historia e anthropologia do Brazil. Num tratado sobre os nomes das abelhas indigenas na lingua dos Tupis, demonstrei que os antigos habitantes de S. Paulo tinham conhecimento muito peculiar dos caracteres especificos e biologicos destes insectos, bem como tinham bons conhecimentos dos animaes em geral e das plantas indigenas. Devo entretanto confessar que dous amigos, os Snrs. Dr. Theodoro Sampaio e Coronel Jorge Maia, não estão de accordo commigo em diversos pontos.

Eu, de minha parte, não teria estudado a etymologia dos nomes destes e de outros animaes, si não estivesse convencido de que o conhecimento dos caracteres distinctivos, tanto zoologicos como biologicos, dos diversos animaes representa a base para taes investigações. Bastará dizer que algumas das etymologias, em desacordo com as minhas, attribuem pequenas dimensões a abelhas relativamente grandes, etc. e por isso continuo a julgar correctas as minhas explicações etymologicas, pois que, consoante o conhecimento zoologico que tenho do respectivo animal, não as posso dar de outro modo.

Tambem as investigações sobre a etymologia dos nomes locais brasileiros não deram ainda um resultado satisfactorio. Quasi que ao mesmo tempo foram publicadas em S. Paulo duas obras sobre esse assumpto; dellas a do Snr. Dr. Theodoro Sampaio representa a continuação da excellente obra de von Martius, emquanto que a obra do Snr. Dr. João Mendes de Almeida segue orientação totalmente differente.

Este ultimo auctor não admitte nomes locaes que sejam derivados dos reinos animal e vegetal. Segundo João Mendes de Almeida o nome de Jacarehy, ou «o Rio dos Jacarés» é interpretado como «esquina e volta desnecessaria» e do mesmo modo são attribuidas ao dialecto guarani palavras genuinamente portuguezas, taes como «Cardoso», «Campinas», «Casa Branca».

Actualmente, depois que falleceram Baptista Caetano de Almeida Nogueira, Platzmann, Couto de Magalhães e Macedo Soares, o numero dos que se interessam pelas investigações da lingua dos Tupis é muito pequeno; entre elles são os mais proeminentes: J. Barbôsa Rodriguez, do Rio de Janeiro; Jorge Maia, de S. Paulo; Theodoro Sampaio, da Bahia, e outros; mas a todos estes as suas occupações diarias lhes deixam só pouco tempo para taes estudos. O coronel Jorge Maia escreveu um dictionario do qual até agora só um fasciculo foi publicado; mas, a julgar por este unico, toda a obra é digna d'uma edição completa e boa. Em vista d'isso seria muito desejavel que linguistas profissionaes emprendessem um estudo completo das denominações tupis.

Um segundo grupo de linguas que está bem representado no Estado de S. Paulo, é o dos Caingangs, aos quaes pertencem os chamados Coroados de São Paulo. Estes indios são da familia dos Guayanãs, que em tempos prehistoricos estavam distribuidos desde o Norte da Argentina atravez do Brazil meridional até a Bahia. Os actuaes representantes deste grupo dos indios Gês estão divididos em duas secções: os Caingangs de São Paulo e do resto do Brazil meridional e de S. Pedro no territorio das Missões do Alto Paraná, e os Ingains e Guayanãs do Alto Paraná. Estas duas secções linguisticamente são algum tanto diversas entre si, mas são evidentemente alliadas, pois que não se verificou até agora haver outra lingua da familia dos Gês que offereça affinidades linguisticas com o grupo dos Guayanãs. No Estado de S. Paulo

costumava-se empregar ainda no seculo passado o nome de Guayanãs para as Caingangs de Itapéva.

Não entro a estudar mais detidamente este assumpto, pois que já o discuti na minha publicação sobre os Guayanãs (N.º 19); enumerei ahí todos os vocabularios concernentes, publicados até agora. Elles representam nada mais do que collecções de palavras, e não me consta que se tenha feito ensaios para estabelecer a grammatica e as regras desta lingua. Se não me engano temos a esperar contribuições importantes a este respeito da parte do Snr. Dr. Lucien Adam, especialista mui competente em linguas americanas.

Quanto aos Chavantes da região do Noroeste do Estado de São Paulo, Ehrenreich (N.º 10) estava mal informado quando dizia que os Caingangs eram erroneamente denominados Chavantes.

Os Chavantes do Estado de S. Paulo, que vivem no curso inferior dos rios Tieté e Paranapanema, são muito differentes dos Caingangs, e sua lingua se distingue bem tanto da dos Caingangs como da dos Chavantes do Matto Grosso. Por essa razão denominei-os Eochavantes. Possuimos dous vocabularios de sua lingua; um que foi publicado pelo General Ewerton Quadros (N.º 12) e outro por Telemaco Borba (N.º 7). A lingua dos Eochavantes parece ser um tanto alliada á dos Gês, mas não me foi absolutamente possivel descobrir quaesquer affinidades entre este e outros idiomas do Brazil central. Como os dous vocabularios mencionados são pouco conhecidos darei no seguinte uma reproducção.

## VOCABULARIO

dos Eochavantes do Estado de S. Paulo ("Chavantes")

	SEGUNDO TELEMAGO BORBA	SEGUNDO EWERTON QUADROS
Agua . . . . .	Diélsede	Ocochia
Anta . . . . .	Apila	Apila
Arára . . . . .	Uida	
Arco . . . . .	Inhestecude	
Assado . . . . .	Mendoa	
Barriga . . . . .	Eltuê	Etiu
Braço . . . . .	Esteinde	Aquejuê
Branco . . . . .	Jaque	
Bater-se . . . . .	Uirjalem	
Bugio . . . . .	Ontirra	
Buraco . . . . .	Birrua	
Cabeça . . . . .	Ursube	Ufúbi
Campo . . . . .	Iuartle	Folhabe
Capivara . . . . .	Othigúe	
Cêra . . . . .	Ogode	
Comer . . . . .	Iacabe	
Longo . . . . .	Umostiara	
Cobra . . . . .	Apalaiao	Palaiáo
Correr . . . . .	Tauyeamne	
Casa . . . . .	Igobe	
Chuva . . . . .	Chanin	
Dia . . . . .	Uotue	
Deitar fora . . . . .	Bóje	
Estrella . . . . .	Tuasla	Tuásia
Fogo . . . . .	Iná	Achô
Flecha . . . . .	Tórta	
Jaboticaba . . . . .	Uarriga	
Jacú . . . . .	Guaiacú	
Levantar-se . . . . .	Escoguelabe	

	SEGUNDO TELEMAGO BORBA	SEGUNDO EWERTON QUADROS
Lontra . . . . .	Nectube	
Lua . . . . .	Quijade	Guiáde
Macaco . . . . .	Cai	
Machado . . . . .	Endá	
Macuco . . . . .	Tú	
Mãe . . . . .	Fiduá	Idúa
Mão . . . . .	Insua	
Matar . . . . .	Nhadable	
Matto (Floresta) .	Diguède	
Menino . . . . .	Itarduêde	Estonduéde
Milho . . . . .	Chantle	
Moço . . . . .	Téuéde	
Mosquito . . . . .	Itobi	
Muito . . . . .	Leilebe	
Mulher . . . . .	Hipipá	Donduede
Menina . . . . .	Uictoma	
Nariz . . . . .	Assondaile	Sonduái
Noite . . . . .	Oteiaque	
Olho . . . . .	Athlí	
Orelha . . . . .	Aconxe	Acóti
Pae . . . . .	Athrabe	Ascaba
Panella . . . . .	Déxe	
Papagaio . . . . .	Guatá	
Páo . . . . .	Tajane	
Pé . . . . .	Jube	
Pedra . . . . .	Ratcha	
Peixe . . . . .	Erredebe	
Perna . . . . .	Eteque	Etge
Pescoço . . . . .	Atua	
Veação . . . . .	Inthla	Inchséla
Preto . . . . .	Hon	

	SEGUNDO TELEMAGO BORBA	SEGUNDO EWERTON QUADROS
Quati . . . . .	Etecubeitei	
Rio . . . . .	Dielsede	
Sentar-se . . . . .	Roiabe	
Sol . . . . .	Esquentabe	Esquentable
Tacape . . . . .	Inhare	
Tamanduá . . . . .	Alabe	
Taitetu . . . . .	Tothle	
Terra . . . . .	Biroa	
Tigre . . . . .	Cuatá	Quatá
Tucano . . . . .	Flongue	
Uru . . . . .	Tofoaca	
Veação . . . . .	Jagode	Jagode
Velho . . . . .	Cueje	Equéri
Vir . . . . .	Heunôde	
Vermelho . . . . .	Najede	
Um . . . . .	Pequinhe	
Dous . . . . .	Iotonura	
Tres . . . . .	Geleidopa	
Homem . . . . .		Inuáde
Céo . . . . .		Atáve
Trovão . . . . .		Catiága
Relampago . . . . .		Jatúme
Mel . . . . .		Concéde
Irmão . . . . .		Váca
Irmã . . . . .		Forte
Indio do Matto . . . . .		Culi
Cabello . . . . .		Eteche
Fronte, Testa . . . . .		Cúa
Sobrancelha . . . . .		Inóné
Bocca . . . . .		Afot
Dentes . . . . .		Vê

	SEGUNDO TELEMAGO BORBA	SEGUNDO EWERTON QUADROS
Caixa . . . . .		Iustúa
Dedo . . . . .		Iquéce
Joelho . . . . .		Euique
Sangue . . . . .		Astaete
Tatú . . . . .		Eféga
Perdiz . . . . .		Foguedai

A palavra «tatá» (fogo) é vocabulo genuinamente guarani e é interessante que os Caingangs conservaram conjunctamente com «tatá» o verdadeiro termo caingang «py» ou «pin». Os outros vocabulos são differentes, não sómente destes dos Caingangs, mas tambem daquelles dos Ingains e dos Guayanãs. Os indios ditos Botucudos, dos Estados do Paraná e de Santa Catharina, para os quaes propuz o nome de Notobotucudos, por conseguinte não tem relação directa com os Botucudos propriamente ditos, mas representam um grupo isolado dos Tapuyas meridionaes. Devemos pois esperar que os resultados das futuras investigações linguisticas e ethnographicas nos façam reconhecer as affinidades ethnicas destes indios.

O exame do pequeno vocabulario dos Notobotucudos, que communico mais adiante, prova que a particula «ne», em connexão com palavras que designam partes do corpo, representa um suffixo pronominal, que significa «meu» ou «teu». O uso destes suffixos pronominaes é o mesmo tanto na lingua dos Caingangs como na dos Tupis. Ainda outras particularidades dos idiomas tupi e tapuya são communs aos dous grupos linguisticos. Assim os suffixos augmentativos e diminutivos são usados de igual modo. *Iguassú*, que em tupi significa: *I* (agua ou rio)

e *guassú* (grande, extenso, na linguagem tupi) corresponde perfeitamente ao «goio-en» da lingua dos Caingangs. Ainda o valor adjectivo da primeira palavra d'um vocabulo composto (\*) bem como outras particularidades, provam que não ha differença essencial entre os idiomas tupi e tapuya. Affirmamos ainda mais que as differenças lexicas, mesmo entre os grupos ethnographicos dos Tapuyas não muito differentes entre si, são mesmo maiores do que *a priori* se imaginaria e as verdadeiras affinidades destas tribus não pódem ser descobertas sómente pelos estudos linguisticos, mas necessitamos de seu confronto com os resultados da investigação simultanea das questões de anthropologia e ethnographia.

Como complemento a estas communicacões quero juntar algumas palavras sobre os Botucudos no Estado do Paraná. O Sr. Rodolpho von Ihering, meu assistente, teve occasião de examinar alguns individuos desta tribu, que vieram a S. Paulo em companhia dos Caingangs da região do Tibagy. O Snr. Dr. Romerio Martins, Director do Museu Estadual de Curityba me informou que existem Botucudos nas cabeceiras dos rios Uruguay e Iguassú. Como estes Botucudos não estão relacionados com os Botucudos verdadeiros do Espirito Santo, lhes darei o nome de Notobotucudos.

**Vocabulario dos Notobotucudos e Caingangs da região do Tibagy (Paraná), colhido pelo snr. R. von Ihering**

PORTUGUEZ	NOTOBOTUCUDO	CAINGANG
Mão . . . . .	ndepá	íngmingá
Pé . . . . .	chépäch	ipên
Unha . . . . .	nepuapê	ningrù
Oiho. . . . .	niapoá	catnan
Nariz . . . . .	nejaputá	ningé
Cabello. . . . .	neaçá	iignain
Cabeça . . . . .	nderabá	—
Barba . . . . .	nendebá	—
Dente . . . . .	nereng	iengjá
Perna . . . . .	necupõ	—
Braço . . . . .	nendjuvá	—
Fogo. . . . .	tatá	tatá, py

(\*) Exemplos: *Tembetá* ou *tembe* — labialis, *itá* — lapis ou «pedra do beicho»; a primeira das duas palavras tem função de genitivo ou qualificativo.

#### 4) Investigações archeologicas

Em geral as narrações dos historiadores do seculo XVI são muito insufficientes com relação aos costumes, armas e outros utensilios da vida diaria, que os indigenas usavam. Preencher esta lacuna é a taréfa da investigação archeologica, cujos resultados principaes em seguida havemos de expôr.

A divisão das culturas primitivas em uma época paleolithica e neolithica, que tem sido tão fecunda para os estudos archeologicos na Europa, não é applicavel á cultura prehistorica de S. Paulo e provavelmente tão pouco em todo o Brazil. E' bem possivel, e até bem provavel, que o homem pleistoceno da Lagoa Santa em Minas vivesse na época paleolitica, mas, até agora, nem de Minas nem de S. Paulo se conhecem artefactos humanos que fossem encontrados em depositos pleistocenos em posição intacta e primitiva. As armas e utensilios de pedra que occupam lugar saliente na exploração archeologica do Brazil, provêm de terrenos alluviaes e são em parte polidos, em parte lascados. Ao ultimo grupo pertencem as pontas de flecha, das quaes as maiores talvez servissem para lanças. Não é o material mas o uso que neste caso decide qual o modo da confecção do objecto. Ao passo que, sem excepção, os tembetás ou pedras de enfeite, que os indios collocavam no labio inferior perfurado, são polidos, as pontas de flechas sempre são lascadas.

Do mesmo material, de quartzo e de crystal de rocha, faziam-se tembetás e pontas de flecha, como provam os exemplares expostos nas collecções do Museu Paulista.

As unicas pontas de flecha polidas, encontradas no interior do Estado de S. Paulo, são as de agatha, providas de dente de um lado só, e parecem antes representar pontas de arpão. E' provavel que representem tambem pontas de flecha os singulares objectos de pedra polida de fôrma conica, que se assemelham aos virotes de madeira

para flechas, usados ainda hoje pelos indios. Empregam estes virotes para atordoar as aves pelo tiro, afim de obtel-as em estado vivo e provavelmente os virotes de pedra serviam para fazer cahir os grandes e pesados fructos dos pinheiros (*Araucaria brasiliensis*).

Os machados polidos não serviam de arma mas como machado para derrubar a matta no preparo das roças e em parte tambem como enxadas. Estas ultimas são grandes e de cada lado tem dous entalhes na extremidade não cortante. Os diversos modelos de machados distinguem-se não só pela forma, tamanho e material, mas especialmente pela extremidade opposta ao gume, que em alguns é estreitada e acuminada, devendo passar por uma abertura no cabo, sendo em outros curta e grossa, para ser embutida numa cavidade na extremidade engrossada do cabo. Merecem especial attenção, entre os do ultimo typo, os machados semilunares (“Ankeräxte”), distinctivo do cacique e destinados a fins cerimoniaes, principalmente em occasião da matança dos prisioneiros.

Os machados pequenos serviam como facas ou machadinhas para trabalhos domesticos e em grande parte eram providos de cabo. Ao passo que uns no polo rltombo eram envolvidos em couro ou tecido, outros eram munidos, de cada lado, de uma covinha para as pontas dos dedos pollegar e index. As mesmas covinhas encontram-se tambem em pedras que tem a forma de um disco grosso ou de um queijo e que na archeologia norte-americana são denominadas «hammerstones». Temol-os designado anteriormente em S. Paulo como «quebra-nozes», sendo provavel que as vezes tambem serviam a tal fim; mas que seu uso correspondia em geral mais ao de machadinhas e martellos, prova o facto da occorrença destas covinhas tambem em machadinhas polidas.

Em numero relativamente grande encontram-se mãos de pilão, pedras polidas mais ou menos cylindricas, destinadas a triturar o milho e outros grãos no morteiro,

o qual por sua parte sempre era feito de madeira, como ainda hoje é uzo em todo o interior do Brazil.

Encontram-se em S. Paulo e no resto do litoral meridional do Brazil pequenos morteiros, chatos, de ca. 20 cent. de comprimento, imitando a figura de uma ave ou de um peixe; são providos n'um lado de uma cavidade oval pouco profunda, destinada a moer tintas e outras drogas finas. Parece que estes almofarizes zoomorphos, chamados as vezes zoolithos, representam uma especialidade artistica dos Carijós e constituem o que de mais perfeito em peças artisticas o indigena do Brazil meridional tem produzido. Outros objectos de relativa perfeição artistica são os tembetás que em S. Paulo e em todo Brazil meridional são peças raras; mais commumente são elles feitos de quartzo, crystal de rocha ou osso. Consistem num corpo cylindrico ou achatado, que passa pelo labio inferior perfurado; em uma das extremidades tem uma parte transversal, que pousa em cima do labio. A largura do corpo do tembetá varia em nossos exemplares de 16 a 32 mm.

Diversos outros artefactos de pedra, que são communs em outras partes do Brazil, não são encontradas em S. Paulo. Isto refere-se tanto aos amuletos de nephrite, jadeite e steatite, imitando a forma de sapos e outros animaes e denominados muiraquitans (Amazonestones), como ás pedras de funda e bolas do Rio Grande do Sul.

Nos Estados da Bahia e Espirito Santo os machados de nephrite não são raros; entretanto ao que sabemos ao sul do Estado do Rio de Janeiro taes machados nunca foram encontrados, nem no Brazil nem nas republicas platinas. Ultimamente discutiu-se muito essa questão com referencia ao trabalho publicado por Barbosa Rodrigues (N.º 6), que defendia a ideia da importação prehistorica da Asia de todos os artefactos de nephrite que se encontram na America. A descoberta de blócos de nephrite em Amargosa (Est. da Bahia), onde machados

de nephrite são muito abundantes, demonstrou a origem brasileira dessas peças. Esse assumpto foi por mim tratado em meu estudo sobre «A Archeologia do Brazil» (N.º 22).

Ainda outros artefactos, frequentes em outras regiões do paiz, taes como os caximbos, não são encontrados em S. Paulo; mas as vezes acham-se pedras arredondadas ou laminas, perfuradas em uma das extremidades, para serem penduradas como enfeite.

Os productos da arte ceramica são muito inferiores aos dos Mounds da Ilha de Marajó em Pará e em outras partes da região amazonica. Ao lado de panellas simples para o uzo domestico encontram-se grandes urnas funerarias, cobertas em geral por uma tampa em forma de vaso menor. Nestas «igaçabas» estão em geral os ossos do defunto, quasi sempre muito decompostos, e as vezes ainda uma outra bacia, que então contem a ossada. Estas bacias funerarias, das quaes o Museu Paulista conserva duas, são cuidadosamente elaboradas e ornamentadas artisticamente com desenhos lineares pretos e vermelhos, sobre um fundo liso e branco. Em geral os enterros se realisavam entre os Tupis e Guaranis em urnas funerarias, nas quaes o cadaver era accommodado em posição acocorada. Se porem um guerreiro fallecia longe de sua aldeia, procedia-se a um enterro provisorio, transportando-se mais tarde parte da ossada, ou o craneo sómente, á sua cabana, dentro da qual se effectuava a inbumação definitiva. Evidentemente era para este fim que serviam as bacias funerarias acima mencionadas.

Em geral estes «igaçabas» e panellas são toscamente trabalhadas, de paredes grossas, lisas ou ornadas com impressões. Sabemos que os Tupis fabricam vasos muito grandes, para o preparo do «cauim», a bebida alcoolica, que preparavam de milho mastigado. Um destes vasos immensos se acha conservado no edificio da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo; tem uma

altura de 65 cm., um diametro maximo de 40 cm. e uma circumferencia de 321 cm. na parte mais larga.

Em geral estes restos da industria dos indigenas acima enumerados são encontrados só pelo acaso. Desappareceram completamente os antigos aldeamentos, sendo assim escassos os testemunhos directos da presença antiga dos indios. Merecem attenção especial neste sentido as inscripções ou petroglyphos, feitos em paredes de rochedos verticaes ou pouco accessiveis. Um valioso estudo sobre este assumpto publicou na Revista do Instituto Historico Tristão de Alencar Araripe (N.º 2) incluindo a descripção e figura de um, que no Estado de S. Paulo o Dr. Domingos Jaguaribe examinou e copiou, perto de Faxina.

Na visinhança da mesma localidade foi encontrado um antigo cemiterio com numerosas igaçabas. Em geral as sepulturas dos indigenas eram isoladas. Não raras vezes encontram-se igaçabas com ossadas em Piratininga e em bairros da Capital de S. Paulo, antigamente habitados por Tupinaquins e outros indigenas.

Se bem que desaparecessem por completo as antigas aldeias dos indigenas, muitas vezes reconhece-se ainda os logares das cabanas, os chamados «paradeiros», que nas roças se dastacam pela côr escura da terra. E' nestes logares, cuja superficie corresponde á de uma pequena casa, que se encontram cacos de panellas, as vezes machados de pedra e outros utensilios. Além disto encontra-se, enterrado nestes logares, carvão e ossos de animaes, e a côr escura do chão é evidentemente causada pelos restos organicos provenientes de residuos de refeições.

Ha um grupo de paradeiros muito caracteristicos, que são encontrados só no litoral de S. Paulo e dos outros estados do Brazil meridional. São estes os «Sambaquis», agglomerações immensas de ostras e outras conchas marinas, que na planicie alagadiça da zona costeira se elevam como outeiros, que naturalmente se recommendavam

aos indigenas para seu domicilio. Alli elles viviam e enterravam tambem os seus mortos.

A verdadeira significação destes sambaquis era desconhecida, até pouco, não obstante de ter eilla já sido bem reconhecida pelo primeiro explorador da archeologia de S. Paulo, o engenheiro Carlos Rath (N.º 42).

Encontra-se ainda muito divulgada a ideia de que estes casqueiros correspondam aos Kjekkenmæddings da Dinamarca, representando accumulações artificiaes das conchas de ostras e outros mariscos que serviam de nutrimento aos indios.

Tomando em consideração que os sambaquis tem uma altura de 10 a 20 metros e muitas vezes um volume de 30-40 mil e até de 100 mil metros cubicos, é preciso reconhecer que estas construcções teriam representado a curiosidade mais notavel da costa brazileira na época da descoberta. Os historiadores do seculo XVI, entretanto, nem sequer as mencionam e só no anno de 1797 o Frei Gaspar da Madre de Deus (N.º 32) inventou a historia da construcção artificial dos sambaquis.

Conforme os meus estudos ha no Brazil meridional dous grupos differentes de sambaquis, dos quaes um representa residuos de comida dos indigenas, e o outro os depositos naturaes do mar. Ao primeiro grupo pertencem os pseudo-sambaquis nos cômores dos arredores da cidade do Rio Grande do Sul, camadas pouco grossas de terra escura, na qual se acham entremeiadas numerosas conchas, espinhos e otolithos de peixes, ossos de animaes de caça, pedaços de carvão, cacos de panellas e outros artefactos.

Os grandes sambaquis da costa dos Estados de S. Paulo, Paraná e Santa Catharina apresentam um aspecto todo differente, sendo elles accumulações enormes de conchas de ostras (*Ostrea parasitica* Gm.) com os quaes alternam camadas mais ou menos horizontaes de berbigão (*Cryptogramma brasiliiana* Gm.) e outros molluscos bivalvos. Para admittir que estas massas de conchas fossem

amontoadas pelos indios, seria necessario suppor que os mesmos tivessem vivido por decennios exclusivamente de berbigão e por muitos outros decennios sómente de ostras. Nem esta hypothese é admissivel nem a de que os indigenas puzessem de lado as conchas, afim de construir com ellas os sambaquis. Não se encontram misturados com as conchas outros restos de comida nem pedaços de carvão ou cacos de panellas. E' preciso notar que ainda hoje na alimentação da população costeira as ostras e os mariscos desempenham papel saliente, mas as conchas, atiradas á praia, se decompõem em menos de dous annos. Depositos colossaes e bem conservados não se formam senão sob condições especiaes e isto particularmente debaixo d'agua.

Que os sambaquis do Brazil meridional representam apenas bancos de ostras, que foram depositadas em agua baixa do mar, é provado tambem por outros factos geologicos. Entre estes citamos apenas os achados de ossos de baleia em terrenos até onde actualmeute não pôdem chegar grandes cetaceos e a occorrenca de bancos naturaes de ostras em afluentes do Rio Guahyba, em frente a Porto Alegre. Estes factos geologicos provam que tanto no Brazil meridional, como no Rio da Prata se deu uma transgressão do mar na época pleistocena, como que elevando o seu nivel por 30 a 50 metros, em consequencia a um abaixamento temporario do nivel do continente nas regiões costeiras. Com uma elevação subsequente da costa os montes de conchas, formados no fundo do mar, atingiram a sua actual posição; sem duvida então, nas plagas baixas e alagadiças, offereciam condições favoraveis para a moradia dos indios.

As conclusões a que cheguei quanto á origem dos sambaquis foram confirmadas pelo Snr. Benedicto Calixto (N.º 9), que sobre o assumpto publicou um artigo acompanhado de duas estampas, mostrando a antiga topographia das circumvisinhanças de Santos. Comparando a



extensão do mar nos tempos da descoberta com as suas actuaes condições, nota-se que os canaes do mar eram então muito mais largos e que muitos lugares, hoje cobertos por manguesaes, eram então puro dominio das aguas do mar. O Snr. Benedicto Calixto prova que muitos sambaquis da bahia de Santos, que já hoje estão destruidos, mas dos quaes a tradição nos deixou marcados os lugares, não podiam ter sido construidos pelos indios das épocas prehistoricas, pois então ainda aquelles lugares estavam cobertos pelo mar. E' ao estudo do Snr. A. Loeffgren e á sua publicação respectiva (N.º 28) que devemos um bom conhecimento das condições geraes dos sambaquis do litoral de S. Paulo, bem como informações quanto a seu numero, sua collocação e composição e ainda aos artefactos que nelles se encontram; será a base para as investigações futuras.

Não concordo, porém, com esse auctor quanto ás suas ideias sobre a origem dos sambaquis. O Snr. Loeffgren considera todos os sambaquis como sendo construcções artificiaes e tambem desse modo pensa o Snr. R. Krone (N.º 24) que no seu artigo citado dá valiosas informações sobre os craneos humanos que elle descobrira nos sambaquis da região de Iguape.

Em minha publicação sobre a origem dos sambaquis de Iguape (N.º 20), eu modifiquei até certo ponto as minhas ideias sobre o mesmo assumpto e em outro artigo meu, sobre a Archeologia comparativa do Brazil (N.º 25) eu communiquei os resultados de minhas ultimas investigações quanto aos sambaquis dos arredores de Santos. A leitura deste meu escripto facilmente evitará a interpretação erronea de meu modo de pensar sobre este assumpto, como tal se deu no segundo artigo do Snr. Loeffgren (N.º 29).

Os sambaquis ficam deste modo destituídos de seu presumido character de monumentos erigidos pelos indigenas, mas nem por isto perdem o interesse que tem para

a archeologia do Brazil, pois elles nos conservam em grande parte os artefactos dos indios, que nelles tinham estabelecido seu domicilio.

Nestas circumstancias é relativamente grande o material anthropologico referente aos moradores dos sambaquis, e especialmente o de craneos. Estes, pela maior parte, são brachycephalos, correspondendo á descripção dos craneos dos Tupis, dada por Rodrigues Peixoto. Sendo brachycephalas tambem as cabeças de indios guaranis, examinadas por mim e R. Krone e dos Cayuás medidas por J. Ambrosetti, é-se levado á supposição de que os craneos dos sambaquis pertencem ás mesmas tribus de Tupis e Guaranis que habitavam a costa no tempo da descoberta. Devemos mencionar que o Snr. Ehrenreich rejeita tal argumentação, em vista de existirem tambem Tapuyas brachycephalos. Uma outra objecção, que neste sentido pode ser feita, é a de os cadaveres não terem sido sepultados nos sambaquis em igaçabas, como era uso muito commum entre os Tupis e Guaranis.

Sabemos, entretanto, que neste sentido existia uma grande differença entre as diversas tribus, das quaes algumas sepultavam só as creanças em igaçabas, ao passo que outras enterravam os cadaveres em covas cylindricas e outras os enterravam envolvidos em suas rêdes. Em todo caso, porém, a ausencia, não só de urnas funerarias, como tambem de qualquer producto de ceramica nos sambaquis, é um argumento importante, que contribue não só para se rejeitar a ideia de que os povos dos sambaquis pertencessem á familia Tupis, mas, de outro lado, nos suggere mesmo a ideia de que elles tenham sido Tapuyas.

O craneo do sambaqui de Cidreira no Rio Grande do Sul, por mim descripto, assemelha-se aos dos Botucudos, sendo originario evidentemente dum indio da familia Guayanã. Já J. B. de Lacerda, (N.º 25) tinha chamado

a attenção á semelhança de certos craneos de sambaquis de Santa Catharina com craneos de Botucudos.

## 5) Conclusões

Fica patente assim que, na época prehistorica, no Brazil meridional já existiam duas familias de indios, diferentes entre si.

Para avaliar a época até a qual remontam os vestigios destes primeiros habitantes do Brazil meridional, faltam até agora os dados precisos. Conhecemos até agora só poucas localidades na America meridional em que o homem coexistia com os animaes diluvianos extinctos.

Sobre a antiguidade do homem na região platina devemos uma extensa e valiosa monographia a Florentino Ameghino. Este auctor considera a formação pampeana como pliocena, ao passo que quando examinei os molluscos marinhos, contidos nessa formação, verifiquei que, sem excepção, pertencem a especies que ainda hoje vivem na costa atlantica da America meridional, opinando eu por conseguinte pela idade post-terciaria destas camadas.

No Brazil tem sido encontradas por Lund ossadas humanas nas mesmas cavernas em Minas Geraes das quaes o celebre naturalista tirou os restos dos mammi-feros pleistocenos extinctos.

Os craneos humanos de Lagoa Santa correspondem perfeitamente aos dos Botucudos. Foram emitidas duvidas sobre a contemporaneidade do homem de Lagoa Santa com os mammi-feros extinctos das cavernas. O facto porém que os craneos e ossos humanos encontrados nessas cavernas se assemelham não só em aspecto e côr aos dos mammi-feros da mesma procedencia, mas ainda no caracter principal, de serem fosseis ou calcinados, deixa pouca duvida da real coexistencia do homem com esses mammi-feros extinctos, tão bem descriptos por Lund e Herluf Winge.

\* \* \*

São estes os principaes resultados a que conduziu a investigação anthropologica e archeologica do Estado de S. Paulo e se nada nos revelam de extraordinario, devido ao baixo gráo de desenvolvimento cultural em que sempre se acharam os indigenas desta região, não deixam de ser interessantes e instructivos, em vista da concordancia dos dados, fornecidos por estudos tão diferentes, como o são as explorações historicas e archeologicas de um lado, anthropologicas, ethnographicas e linguisticas do outro. Temos neste sentido a base segura para julgar das propriedades physicas e culturaes que a população rural actual transmitiram os seus antepassados, os indigenas, que só em pequena parte até esta data se conservaram independentes, tendo sido pela maior parte assimilados pelo elemento luzo-brazileiro immigrado, vindo a constituir assim o elemento nacional da população actual do Estado.

E' interessante observar que na actual cultura da população rural podemos descobrir muitos vestigios da cultura indigena precedente. Os nomes d'um grande numero de localidades, montanhas, rios, etc., são derivados da linguagem tupi, e nas veias da maioria dos «caboclos» ou «caipiras» corre o sangue da raça de seus antecessores indios.

Muitas plantas communs que se cultivam, taes como milho, feijão aipim, mandioca, batata, algodão, etc., já os indios de São Paulo plantavam, e o seu preparo usual é muitas vezes o mesmo como aqui fôra usado nos tempos prehistoricos. Por esta razão muitas palavras tupid foram encorporadas á lingua portugueza, como succedeu no Brazil em geral, sem que comtudo em qualquer região se falle o dialecto guarani, como acontece no Paraguay. A região do Estado de S. Paulo onde os antigos costumes e os utensilios melhor se conservam, é a

zona litoral. Dediquei um pequeno escripto ao estudo dos residuos da idade de pedra (N.º 21), no qual descrevi e figurei alguns destes instrumentos. Emquanto que os machados de pedra em toda parte, mesmo entre as tribus dos indios semicivilizados, agora são substituidos por machados de ferro, encontramos conservados na zona litoral de S. Paulo alguns outros instrumentos de pedra, taes como pedras de martello (*quebra-nozes*), que são usados accidentalmente. Os pescadores, quando querem ancorar suas canôas, que são do primitivo typo indigena, usam a «poita» (*polh-itá*), uma grande pedra arredondada e presa por um entrelaçamento de embira, ou a «igarateia», uma pedra allongada, amarrada a ganchos de páo. Tambem os discos perfurados de argilla, usados como pesos nas rêdes de pescar, são os mesmos como os que os pescadores prehistoricos usavam, como é provado por taes discos, achados em uma urna funeraria em S. Vicente.

A casa do «caipira» não é, senão com pequenas modificações, a dos Guaranis. É interessante que assim muitos costumes prehistoricos se conservaram até os nossos dias e é provavel que futuras investigações augmentem o numero destes achados, correspondentes a residuos da idade de pedra.

Assim o elemento indigena de S. Paulo apresenta tres phases successivas: *a*) os indios actuaes; *b*) aquelles do tempo da descoberta e *c*) o povo que habitava os sambaquis, tendo nelles enterrado seus mortos. Sómente com referencia a esta ultima questão restam ainda duvidas, e eu mesmo, como já disse, modifiquei minha opinião a este respeito, desde a publicação da primeira edição deste trabalho. Como os craneos encontrados nos sambaquis parecem em essencia identicos com os dos Tupis, eu julgava antigamente que estes dous povos fossem identicos. O caracter dos machados de pedra po-

lida é o mesmo e quanto aos caximbos não os conheciam nem uns nem outros.

Ha, entretanto, algumas diferenças importantes entre os Tupis e as tribus dos sambaquis. Não se encontram peças de cerâmica nos sambaquis e por isso lhes faltam as urnas funerarias, tão características e comuns entre os Tupis e Guaranis.

Particularidade especial dos sambaquis do Brazil meridional são além d'isso os bellos zoolithos, os almofarizes polidos, em forma de peixes ou aves, etc.

Como nenhum dos antigos chronistas menciona a existencia de sambaquis nas costas de S. Paulo, é provavel que a cultura do povo sambaqui deve ter sido muito mais antiga do que aquella dos indios que ahi viviam no periodo da descoberta.

A ausencia de cerâmica nos sambaquis contrasta muito com o grande aperfeiçoamento de seus utensilios de pedra polida e faz-nos suppôr que o respectivo povo pertencêra á familia dos Gês, com cujas tribus encontramos tambem machados de pedra polida e só pouco, senão nenhum desenvolvimento da cerâmica.

Antigamente eu suppuz, como já disse acima, que os craneos brachycephalos dos habitantes dos sambaquis nol-os evidenciassem como Tupis; mas Ehrenreich mostrou que este argumento, não é de valor absoluto, pois que ha tambem tribus brachycephalas entre os Tapuyas, taes como os Cayapós.

Parece, portanto, razoavel concluir que o povo, que habitava os sambaquis, pertencia á familia dos Tapuyas e que viveu na costa do Brazil meridional muito tempo antes da descoberta da America e antes do tempo da migração dos indios da familia tupi que se dirigiam para o Sul e pelos quaes este povo dos sambaquis foi destruido ou rechassado para o interior do paiz.

Os bellos objectos de pedra polida, zoolithos, etc. aos quaes nos referimos, contrastam singularmente com

a monotonia e simplicidade das peças archeologicas de todo o Brazil meridional e central, patenteando grande superioridade ao menos neste ramo do preparo de objectos de pedra polida, em comparação com os dos demais aborigenes do Brazil. Aproveitei a viagem á Europa, que fiz no corrente anno de 1907, para examinar as collecções ethnographico-archeologicas dos principaes museus da Europa central, nutrindo sempre a esperança de nellas encontrar objectos que admittissem comparação com os zoolithos dos sambaquis. Estas esperanças não se realizaram; mas em Buenos Aires, em varias collecções publicas, vi almofarizes em forma de ave vôando, isto é ornithomorphos, bem semelhantes aos dos sambaquis. Eis pela primeira vez achados archeologicos que admittem, ou antes provocam uma comparação da cultura dos sambaquis com outra, que é a dos Calchaquis. A falta completa de objectos ceramicos e metallicos nos sambaquis exclue uma comparação franca e estou longe de affirmar que os habitantes dos sambaquis fossem Calchaquis; insisto, porem, na grande importancia desta concordancia archeologica, que ha de servir de base para investigações ulteriores.

Vi tambem entre os objectos calchaquis mãos de pilão, morteiros e outras peças de pedra polida, eguaes ás que conhecemos dos sambaquis.

Os indios de S. Paulo nem actualmente, nem tão pouco no tempo da descoberta não possuíam gráo de civilização que se pudesse dizer mais elevado, nem mesmo a influencia de outros elementos de maior cultura quasi que não se fez sentir. Como já demonstrei, podemos provar no Estado do Rio Grande do Sul a existencia de utensilios introduzidos pelos indios dos Pampas; encontram-se tambem outros instrumentos, que os indios do Rio Grande do Sul ganharam pelas suas relações com os Calchaquis e outras tribus de civilização mais adiantada, habitantes da região andina da Argentina. Nem

as «bolas», tão communs no Rio Grande do Sul, se encontram em S. Paulo, nem os cachimbos, ainda que estes ultimos tenham sido achados no interior do Estado da Bahia e nas regiões intermediarias no Brazil central e meridional e de feitio igual aos que se encontra no Rio Grande do Sul. Os indios do grupo tupi, que habitavam a zona litoral do Brazil no tempo da descoberta, fumavam cigarros, desconhecendo o uso do cachimbo. Tanto os cachimbos, como provavelmente tambem os fusos, foram transmittidos aos indios do Brazil oriental pelas tribus que habitavam as regiões andinas e subandinas da Argentina e do Brazil.

A influencia da ethnographia dos povos andinos é mais forte sobre os das regiões mais proximas desta zona e tanto mais enfraquece quanto maior a distancia.

A archeologia do Rio Grande do Sul é muito mais rica em taes elementos de cultura heterogenea do que a de S. Paulo, sem que comtudo elles faltem por completo em S. Paulo. Objectos de metal, em especial de prata, têm sido encontrados em sepulturas prehistoricas do Brazil meridional e o Snr. Uhle (N.º 55) publicou um trabalho sobre um machado de cobre prehistorico, encontrado em uma ilha do Rio Ribeira no Sul do Estado de S. Paulo. Sebem que esta communicação fosse a unica, comtudo não é incrível, pois que sabemos que Alvar Nunez Cabeça de Vacca (N.º 56) observou pequenos machados de cobre entre os Guaranis. A influencia de um povo mais civilizado do que aquelle que habita a zona litoral do Brazil fez-se sentir muito mais ainda na vasta distribuição de plantas cultivadas do que pela permuta dos artefactos acima mencionados. Comtudos até hoje desconhecemos quasi inteiramente a verdadeira origem de muitas dessas plantas.

Em geral no Brazil prehistorico a influencia da cultura mais elevada dirigia-se do Occidente para o Oriente,

emquanto que dos tempos historicos para cá, isto é post-colombianos, a transmissão cultural se move do Oriente para o Occidente.

### Explicação dos Mappas

Até agora só von Martius e Ehrenreich publicaram mappas referentes á distribuição dos indios do Brazil. O mappa de von Martius, publicado em sua *Ethnographia*, e que fôra reproduzido por Couto de Magalhães (N.º 34), é muito incompleto no que diz respeito ao Brazil meridional; destinava-se em especial á representação da antiga distribuição das tribus da familia tupi. O mappa de Ehrenreich refere-se á actual distribuição dos nossos indios. Com a excepção de algumas colonias tupis, ali só se acha indicada a distribuição dos Caingangs no Estado de S. Paulo.

Nos dous mappas, que junto apresento, a côr azul indica os povos Tupis e a côr vermelha os Tapuias. Este nome de Tapuias, que comprehende as tribus do Brazil meridional que não sejam Tupis, corresponde aos Gês de Ehrenreich, mas não aos de Martius. A côr amarella refere-se a todos aquelles povos que não são nem Tupis nem Tapuias.

#### ESTAMPA XI.

*Mappa da antiga distribuição dos indios no  
Brazil Meridional*

Já dei no texto os dados sobre que se baseia este mappa. As informações que se colhe nos antigos escriptores são em geral sufficientes; em alguns casos, porem, não podemos precisar ao certo o ponto de contacto entre as tribus do Brazil Central e as do Oriente. Entre as tribus que não pertencem nem aos Tupis nem á familia

dos Gês, devemos indicar no Rio Grande do Sul os Charruas e em São Paulo os Carajás. Com relação aos Guarús ou Guarulhos, uma tribo dos Guayanãs que viveu em São Paulo e no Rio de Janeiro (com elles foram fundados Conceição dos Guarulhos em S. Paulo e Santo Antonio dos Guarulhos no Rio de Janeiro) compare-se o que expuz em meu estudo sobre os Guayanãs (N.º 19).

Os antigos habitantes do Uruguay foram estudados por José H. Figueira (N.º 13), cuja publicação contem um mappa. Um outro mappa, que trata dos indios do tempo da descoberta nas regiões da foz do Prata, é o que foi publicado por Lafone Quevedo (N.º 26) onde o mesmo auctor nos dá importantes notas sobre os diversos povos e os seus caracteristicos linguisticos.

Ha ainda na região do Prata diversas tribus que não são nem Tupis nem Tapuias e das quaes algumas, como a dos Charruas, viveram tambem no Rio Grande do Sul; quanto aos Carajás ainda não se lhes poudo descobrir as affinidades ethnographicas. Segundo as investigações do Professor Lafone Quevedo os Guanaos e os Minuanos são Tapuias, ainda que alguns auctores, (e dahi eu proprio, em publicações anteriores), os considerassem Tupis. Lafone Quevedo diz ainda (N.º 26) que os Minuanos, segundo padre Lozano, eram tambem denominados Guenoas ou Guanaos. Eguaes nomes o padre Garcia dá em sua carta aos indios do Alto Uruguay.

## ESTAMPA XII.

### *Mappa da actual distribuição dos indios no Brazil Meridional*

Este mappa é mais ou menos schematico, dando a distribuição dos indios como tem sido indicada successivamente no correr destes ultimos 50 annos. Não é possivel obter informações exactas referentes á distribuição,

com estatísticas, etc., da população indigena, que fossem todas colhidas nestes ultimos annos. As informações nas quaes aqui nos baseamos, provêm de épocas bastante diferentes. Não accitei, comtudo, taes informações que se referissem á primeira metade do seculo passado, pois que de lá para cá houve a destruição quasi completa dos indios Minuanos e Charruas, durante a revolução do Rio Grande do Sul, emquanto que em S. Paulo os Cayapós se retiraram para o Matto Grosso e os Cayuás immigraram do Paraguay e do Alto Paraná. Os Cayuás são Guaranis e é um tanto difficil entender porque se os distingue delles.

Os Caingangs do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina por vezes têm sido chamados Botucudos, o que é errado, visto como os verdadeiros Botucudos nunca viveram ao Sul do Rio de Janeiro.

Devo ao Rev. P. Marcos Simoni de S. Paulo, a quem muito agradeço, algumas valiosas informações, que dizem respeito aos indios do Estado do Paraná. Segundo suas informações os indios Eochavantes do Sul do Matto Grosso vivem tambem no Paraná, á margem esquerda do Rio Paraná, entre os Rios Ivalhy e Paranapanema

O Dr. Romario Martins chamou minha attenção ao seguinte ponto: «No Estado do Paraná distinguem-se os Cayuás dos Cayguás. *Cayguás* chama-se aos indios semicivilizados e *Cayuás* os selvagens.» Parece que esta distincção singular tambem se faz no Paraguay (Cayuá e Caingue) e isto explica a confusão que ha na literatura com relação a estes termos. Na literatura scientifica esta terminologia não é admissivel e distinguimos sómente, entre os membros da familia tupi do sul do Brazil, os Cayuás selvagens ou semicivilizados, dos Guaranis civilizados e catechizados.



## LITERATURA

---

- 1) *Adam, Lucien*, Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Caribe; Bibl. ling. amér., Tom. XVII, Paris 1893;
- 2) *Alencar Araripe, Tristão de*, Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brazil. Rev. Inst. Hist. do Rio de Jan., Tom. L, 1887, p. 213-294;
- 3) *Almeida Nogueira, Baptista Caetano de*, Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da « Conquista Espiritual » do Padre Ruiz de Montoya, An. da Bibl. Nac. do Rio de Jan., vol. VII, Rio de Jan., 1879;
- 4) *Ambrosetti, Juan B.*, Los Indos Caiungá del Alto Paraná, Bol. del Inst. Geogr. Arg., Tom. XV, Buenos Aires, 1895, p. 661-744;
- 5) *do.* Los Indios Kainganges de San Pedro (Misiones) con un Vocabulario. Rev. del Jard. Zool., Tom. II, Buenos Aires, 1895, p. 305-387;
- 6) *Barbosa Rodriguez, I.*, O Muyrakitã e os idolos simbolicos, vols. I e II, Rio de Jan., 1899;
- 7) *Borba, Telemaco Morocines*, Breve noticia sobre os Indios Caiungangs, acompanhada de um pequeno vocabulario da lingua dos mesmos indigenas e da dos Cayguás e Chavantes. Rev. Mens. da Sec. da Soc. de Geog. de Lisboa no Brazil, Tom. II, Rio de Jan., 1882, p. 20-36;

- 8) *Brinton, Daniel G.*, The American Race, Philadelphia 1901 ;
- 9) *Calixto, Benedicto*, Algumas informações sobre a situação dos Sambaquis de Itanhaen e Santos, Rev. Mus. Paul., vol. VI, São Paulo, 1905, p. 490-519 ;
- 9 A) *Cardozo, J., Pedro*, Relatorios, das Expedições da Comissão Geogr. e Geolog. do Est. de S. Paulo, 1906-1907.
- 10) *Ehrenreich, Paul*, Die Einteilung und Verbreitung der Voelkerstaemme Brasiliens nach dem gegenwaertigen Stand unserer Kenntnisse, Peterm. Mitteil., 37. Bd; 1891, IV, p. 81, ss. e V, p. 105 ss.;
- 11) *do.* Die Ethnographie Suedamarikas im Beginn des XX. Jahrhunderts, unter besonderer Beruecksichtigung der Naturvoelker, Arch. f. Anthr., Neue Folge, Bd. III, 1904, p. 39-75.
- 12) *Ewerton Quadros, Tenente-coronel Francisco Raymundo*, Memoria sobre os trabalhos de observação e exploração da Comissão Militar encarregada da linha telegraphica de Uberaba a Cuyabá, de Fevereiro a Junho de 1889, Rev. do Inst. Hist. do Rio de Jan., vol. LV, 1892, p. 233-239 ;
- 13) *Figueira, José H.*, Los primitivos habitantes del Uruguay, Montevidéo, 1894 ;
- 14) *Gay, Conego João Pedro*, Historia da Republica Jesuitica do Paraguay, desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, anno de 1861, Rio de Janeiro, 1863 ;

- 15) *Hummel, Olavo*, Relatório da Comissão da abertura e construção de uma estrada de Salto Grande ao Rio Paraná, São Paulo, 1894;
- 16) *Ihering, H. von*, A civilização prehistorica do Brazil meridional, Rev. do Mus. Paul., vol. I, São Paulo, 1895, p. 35-159;
- 17) *do.* Ueber die vermeintliche Errichtung der Sambaquis durch den Menschen, Verhandl. d. Berl. anthropol. Gesell. 1898, p. 455-460;
- 18) *do.* El hombre prehistorico del Brasil. «Historia», Tom. I, Buenos Aires, 1903, p. 161 ss.;
- 19) *do.* Os Guayanás e Caingangs de S. Paulo, Rev. Mus. Paul., vol. VI, São Paulo, 1905, p. 23-44;
- 20) *do.* A origem dos sambaquis, Rev. Inst. Hist. de São Paulo, vol. VIII, São Paulo, 1904, p. 446-458;
- 21) *do.* Residuos da idade de pedra na cultura actual do Brazil, Rev. Inst. Hist. de São Paulo, vol. IX, São Paulo, 1905, p. 570-577;
- 22) *do.* Archeologia comparativa do Brazil, Rev. Mus. Paul., vol. VI, São Paulo, 1905, 519-584;
- 23) *Knivet*, Manuscrito deste auctor, do anno de 1591, na bibliotheca «Eduardo Prado» em São Paulo;
- 24) *Krone, Ricardo*, Contribuições para a Ethnologia Paulista, Rev. Inst. Hist. de São Paulo, vol. VII, São Paulo, 1903, p. 470-482;

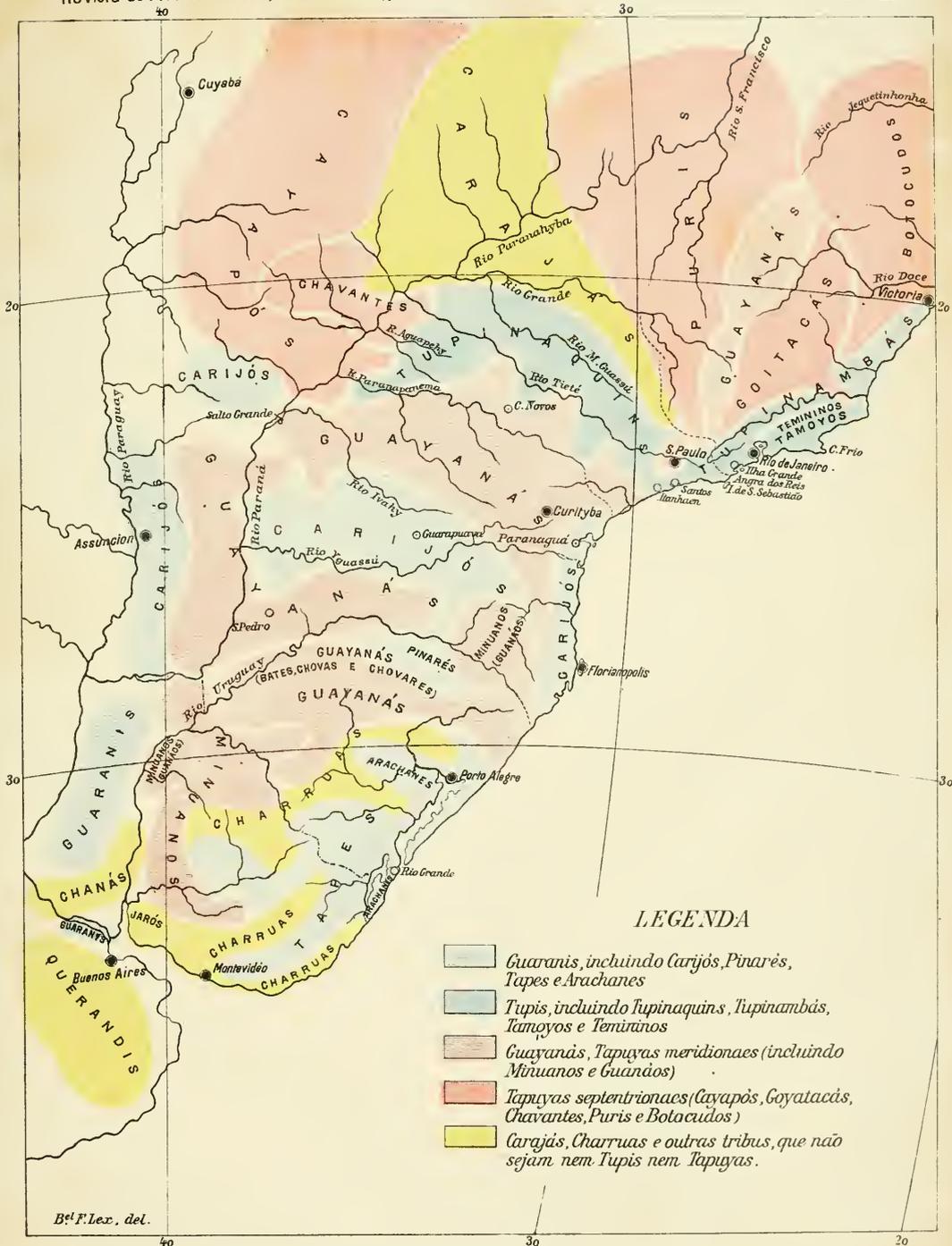
- 25) *Lacerda, J. B. de*, O homem dos sambaquis. Contribuição á archeologia brazileira, Arch. do Mus. Nac. do Rio de Jan., vol. VI, 1885, p, 175-257;
- 26) *Lafone Quevedo, Samuel A.*, Los Indios Chanases y su lengua con apuntes sobre los Querandies, Yarés, Boanos, Queanos ó Minuanos, Bol. del. Inst. Geogr. Arg., Tom. XVIII, Cuad. I, II y III, Buenos Aires, 1897 ;
- 27) *Lima, Francisco das Chagas*, Rev. Inst. Hist., Tom. 3.º, ed. Rio de Janeiro, 1885, p. 72 ;
- 28) *Loefgren, Alberto*, Os sambaquis de São Paulo, Bol. da Com. Geogr. e Geol. do Est. de S. Paulo, N. 9., São Paulo, 1893 ;
- 29) *do.* Os sambaquis, Rev. Inst. Hist. de São Paulo, vol. VIII, São Paulo, 1904, p. 458-466 ;
- 30) *Machado de Oliveira, José Joaquim*, Noticia raciocinada sobre as aldeias de Indios da Provincia de S. Paulo, desde o seu começo até a actualidade, Rev. Inst. Hist. Rio de Jan., Tom. VIII (2.ª ed.), Rio de Janeiro, 1867, p. 204 ss. ;
- 31) *do.* Quadro historico da Provincia de São Paulo, São Paulo, 1864 ;
- 32) *Madre de Deus, Frei Gaspar da*, Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brazil, Lisboa, 1797 ;
- 33) *Magalhães, General Couto de*, O Selvagem, 1.º Curso da lingua geral segundo Ollendorf, Rio de Janeiro, 1876 ;

- 34) *do.* 7.<sup>a</sup> Conferencia para o tricentenário de Anchieta, São Paulo, 1897 ;
- 35) *Martius, Carl Friedrich Phil. von*, Zur Ethnographie Suedamerikas, zumal Brasiliens, Leipzig, 1867 ;
- 36) *Mendes de Almeida, João*, Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo, São Paulo, 1902 ;
- 37) *Nehring, A.*, Ein pithecanthropusaehnlicher Menschenschaedel aus den Sambaquis von Santos in Brasilien, Naturw. Wochenschr., Bd. XI, Berlin, 1895, p. 549-552 ;
- 38) *do.* Menschenreste aus einem Sambaqui von Santos in Brasilien, unter Vergleichung der Fossilreste des *Pithecanthropus erectus* Dubois, Verhandl. d. Berl. Anthropol. Gesell., p. 710-721 ;
- 39) *Netto, Ladisláu*, Investigações sobre a archeologia brazileira, Arch. do Mus. Nac. do Rio de Jan., vol. VI, 1885, p. 257-555 ;
- 40) *Nobrega, Padre Manoel da*, Informações das terras do Brazil, Rev. Inst. Hist. do Rio de Jan., Tom. VI, (2.<sup>a</sup> ed.), Rio de Janeiro, 1865, p. 91 ss. ;
- 41) *Porto Seguro, Visconde de*, Historia geral do Brazil antes de sua separação e independencia de Portugal, 2 vols. Rio de Janeiro ;
- 42) *Rath, Carlos*, Algumas palavras ethnologicas e paleontologicas a respeito da provincia de S. Paulo, S. Paulo, 1875 ;

- 43) *Sampaio, Theodoro*, Considerações geographicas e economicas sobre o Valle do Rio Paranapanema, Bol. da Com. Geogr. e Geol. do Est. de S. Paulo, N. 4, São Paulo, 1890 ;
- 44) *do.* Qual a verdadeira graphia do nome Guayanã? Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, vol. II, São Paulo, 1898, p. 27, ss.;
- 45) *do.* O Tupy na geographia nacional. Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. VI, São Paulo, 1902, p. 488-567 ;
- 46) *do.* Lingua indigena, Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. VI, 1902, São Paulo, pag. 567-572 ;
- 47) *do.* Da evolução historica do vocabulario geographico no Brazil, Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. VIII, São Paulo, 1904, p. 150-169 ;
- 48) *do.* Os Guayanãs da Capitania de S. Vicente, Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. VIII, São Paulo, 1904, p. 169 ss.;
- 49) *Siemiradzki, Josef von*, Beitrage zur Ethnographie der suedamerikanischen Indianer, Mitteil. d. Anthropol. Gesell. in Wien, Bd. XXVIII, 1898, p. 127-170 ;
- 50) *Staden, Hans*, Suas viagens e captiveiro entre os Selvagens do Brazil, Ed. Com. do 4.º centenario, São Paulo, 1900, cf. Rev. do Inst. Hist. do Rio de Jan., vol. LV, 1892, p. 267, ss.;
- 51) *Steinen, Karl von den*, Durch Central-Brasilien, Exp. zur Erforsch. d. Xingú i. J. 1884, Leipzig, 1886 ;

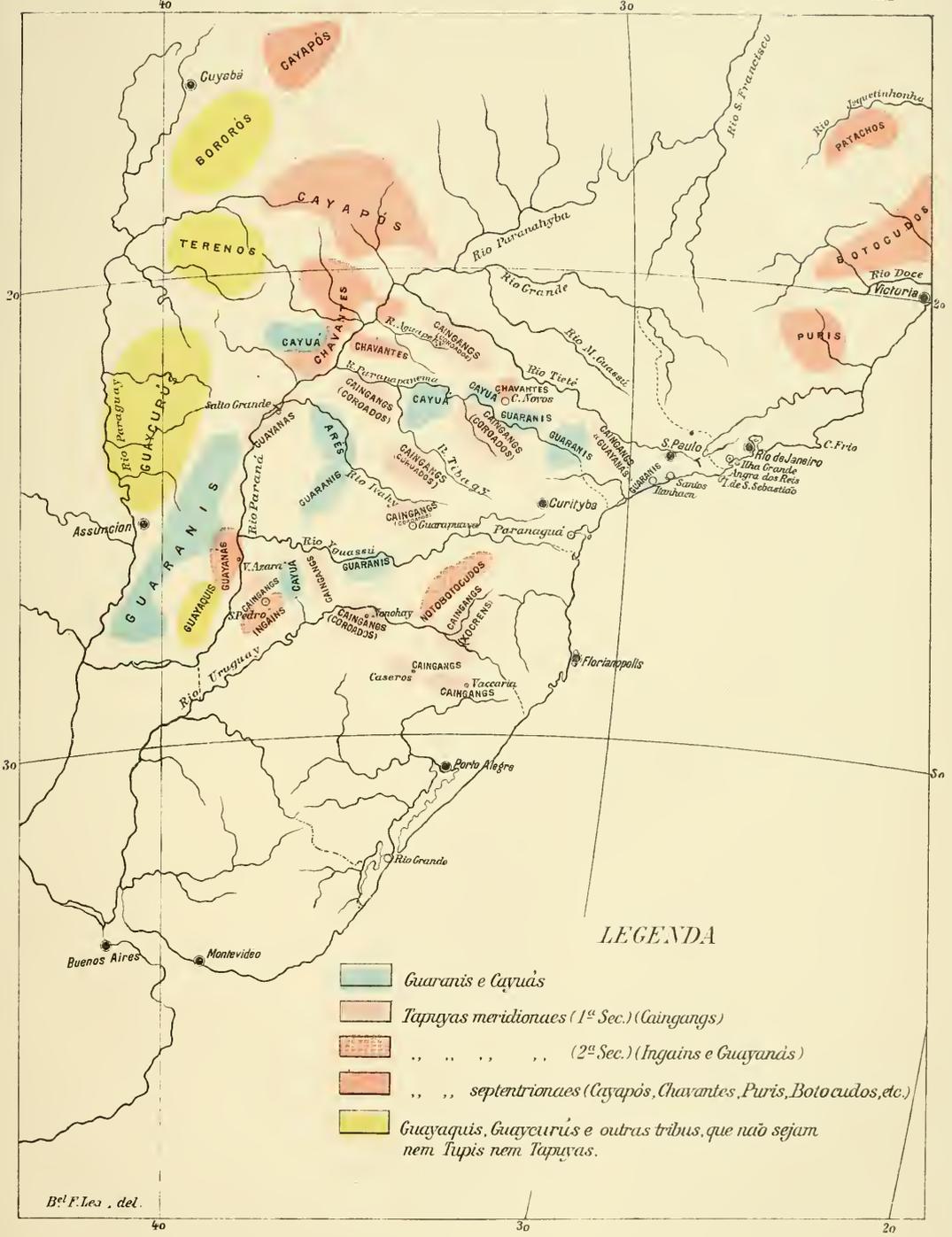
- 52) *do.* . Unter den Naturvoelkern Central-Bra-  
siliens, Reiseschild. u. Ergebn. d. zweiten  
Xingú—Exp., 1887-1888, Leipzig,  
1894;
- 53) *Souza, Gabriel Soares de*, Tratado descriptivo do  
Brazil, Rev. Inst. Hist, e Geogr. do  
Rio de Jan., Tom. XIV, Rio de Ja-  
neiro, 1879, p. 1-302;
- 54) *Taques de Almeida Paes Leme, Pedro*, Historia  
da Capitania de S. Vicente, Rev. Inst.  
Hist. do Rio de Jan., Tom. IX, 1847,  
1.<sup>a</sup> parte, p. 137, ss;
- 55) *Uhle, M.* Verhandl. d. Berl. Anthropol. Gesell.,  
1888, p. 20;
- 56) *Vaca, Alvar Nunez Cabeça de*, Commentaires, Pa-  
ris, 1837, p. 107;
- 57) *Wiener, Carlos*, Estudos sobre os sambaquis do  
Brazil. Arch. do Mus. Nac. do Rio  
de Jan., vol. I, 1876, p. 1-21.





B<sup>e</sup> F. Lex., del.

Mapa da antiga distribuição dos índios no Brasil meridional



Mappa da actual distribuição dos indios no Brazil meridional